

O GALO

JORNAL CULTURAL - ANO X - Nº 2 - Março, 1998 - NATAL-RN - FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

O testamento humanista de Cascudo

A leitura de *Prelúdio e Fuga do Real* revela um Cascudo preocupado preferencialmente com questões ligados à cultura humanística clássica. (Página 3)

Actadiuma

Oliveira Lima em Natal

Visita de Oliveira Lima a Natal, em novembro de 1919, causa um rebuliço na província, como registra Cascudo na sua crônica (Página 4)



Bilac e Itajubá

Separados no tempo e no espaço, os poetas Olavo Bilac e Ferreira Itajubá se aproximam ao tratarem do sentimento amoroso, respeitadas as diferenças de forma, próprias a cada poeta. É o que revela o ensaio *Bilac e Itajubá*, do acadêmico Mendes Melo (Página 5)

In memoriam

Veríssimo de Melo

AUSENCIA

PEREGRINO JR
Com um encarte constituído de textos de Dorian Gray, Manuel Bandeira, Antônio Carlos Vilça, entre outros, O GALO evoca o o centenário do escritor Peregrino Jr.

TEATRO
Alberto Maranhão

94
anos

Página 24

mulheres

A história escrita das mulheres, e mulheres que escrevem no Brasil

Página 17

O ENTERRO DO POETA

O enterro do poeta Zé Pepeu, que comoveu a cidade de Barreiros, foi diferente do habitual: a multidão se despediu do poeta ao som da música dos velhos carnavais, narra Manoel Marques S. Filho (Página 23)

Índice

- 03 O testamento humanista de Cascudo, em "Prelúdio...".
por Nelson Patriota
- 04 Acta Diurna descreve visita de Oliveira Lima a Natal, em novembro de 1919
- 05 Bilac e Itajubá, dois poetas e um mesmo sentimento amoroso. Por Mendes Melo
- 06 Ausência - Em Memória de Veríssimo de Melo. Por Alice Spíndola
- 08 O Lirismo e o Letrismo Ritual de Fernando Aguiar. Por J. Medeiros

09 ENCARTE

PEREGRINO

Textos de Dorian Gray, Manuel Bandeira, Antonio Carlos Vilça, Érico Verríssimo e Valdemar Cavalcanti

- 17 A História Escrita das Mulheres e Mulheres ... Por Margarida Patriota.
- 20 Antologia de poemas inéditos de Manoel Fernandes, o Volonté.
- 21 Pesquisa - um conto inédito de autoria de Afrânio Pires Lemos
- 22 Sobreira e a Memória Feliz. Crítica literária de autoria de Elizabeth Marinheiro
- 23 A Morte do Poeta. Conto inédito de autoria de Manoel Marques da Silva Filho
- 24 Teatro Alberto Maranhão, 94 anos. Programação aniversária

PEREGRINO

A história da cultura se faz principalmente de ausências. Esta edição de O GALO é exemplar, a esse respeito, ao evocar em forma de tributo os nomes de Veríssimo de Melo e de Peregrino Jr., duas ausências que reclamam permanente atenção daqueles que lidam com essa

frágil matéria simbólica: as letras. A ausência do escritor Veríssimo de Melo assoma por iniciativa de uma admiração longínqua, mas próxima na relativa geografia da memória e do sentimento. De Goiás, a poetisa gaúcha Alice Spíndola resgata a figura do grande intelectual Veríssimo de Melo. Diz a primeira estrofe do seu poema "Ausência", em tom elegíaco: "Há rumor de ausência no ar,/ no céu, uma estrela cadente/ estica seu raio/ para outro horizonte/ e faz anúncio de notícia triste./ Pela fibra ótica/ voz potiguar confirma:/ "falta um verso/ ao poema da Cidade".

À cultura potiguar faz não menos falta o eclético intelectual Peregrino Jr., cujo centenário transcorre este ano. À guisa de homenagem, O GALO reúne uma série de trabalhos cuidadosamente coligidos pelo seu biógrafo Dorian Gray Caldas e condensados no encarte que acompanha esta edição. Trata-se da primeira fortuna crítica da impetuosa carreira desse que se tornou um cronista da Amazônia e um exegeta de Machado de Assis, entre outras tantas coisas que fez pela cultura.

A par desse duplo necrológio, O

GALO dá sequência aos estudos cascudianos, comemorativos do centenário do autor de *Civilização e Cultura*. O jornalista e sociólogo Nelson Patriota se debruça sobre a leitura de *Prelúdio e Fuga do Real*, onde desvela um como que testamento humanista do

mestre potiguar, na medida em que esse texto é uma espécie de desvio de rota no *opus* cascudiano, com uma opção pelos chamados grandes temas. O resgate de textos ligeiros de Cascudo, compilados de suas *Actas Diurnas* trata, desta vez, da visita do historiador Oliveira Lima a Natal, em novembro de 1919. Verdadeira pérola da prosa cascudiana, essa crônica resume as principais virtudes da sua prosa: leveza, domínio pleno do assunto, vivacidade, e um estratégico

distanciamento dos fatos tratados.

A ficção ligeira marca presença nesta edição através de Afrânio Pires e de Manoel Marques da Silva Filho. E ainda: ensaio de J. Medeiros e de Elizabeth Marinheiro, e a poesia de Volonté. A escritora Margarida Patriota se detém sobre a histórica luta empreendida pelas mulheres brasileiras no campo das letras, e, no final, mostra que há muito a comemorar, mas principalmente, por fazer.

Atenciosamente,

O Editor



Capa: Veríssimo de Melo. Foto gentilmente cedida pelo jornal "A Verdade".

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Presidente

Departamento Estadual de Imprensa
ARLINDO DE MELO FREIRE
Diretor-Geral

O GALO

NELSON PATRIOTA
Editor

TÁCITO COSTA
Redator

JAILTON FONSECA
Produção



Colaboraram nesta edição:
Dorian Gray Caldas, Mendes Melo, Alice Spíndola, J. Medeiros, Afrânio Pires Lemos, Margarida Patriota, Elizabeth Marinheiro, Manoel Fernandes, Manoel Marques da Silva Filho e Ester Ramos.

Redação: Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938/2212939. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

O testamento humanista de Cascudo

Nelson Patriota

Será tarefa para um futuro biógrafo do polígrafo Luís da Câmara Cascudo refazer a gênese do livro *Prelúdio e fuga do real*, uma das obras de sua idade tardia. E não será tarefa fácil. O livro propõe problemas que extrapolam em larga medida o universo delimitado pelas obras de caráter histórico, etnográfico e folclórico que deram nomeada a seu autor. "Prelúdio..." só encontra paralelo no *corpus cascudianus* junto, quiçá, a *Canto de Muro*, pela razão comum a ambos de não pertencerem a um gênero literário claramente definido.

O que chama a atenção em "Prelúdio...", à sua primeira leitura, é uma clara tomada de posição a favor do humanismo, corrente filosófica ocidental marcada pela preocupação com as questões pertinentes aos problemas humanos, e que se resume no célebre conceito emitido por Terêncio: *homo sum; humani nihil a me alienum puto* ("Sou homem, e nada do que é humano julgo estranho a mim") conceito que foi resumido, alguns séculos antes, pelo sofista Protágoras, na frase: "O homem é a medida de todas as coisas". A propósito, a abundância de citações latinas, francesas, inglesas, etc, só reforçam esse viés "clássico" (outro sinônimo para humanismo). Aliás, *Prelúdio e fuga do real* está a exigir uma nova edição que o depure dos inumeráveis erros de composição que "levam" Cascudo a hesitar entre a grafia de Epicuro e Epícuro; a trocar o nome Hélade por um incompreensível "Hélide"; a tropeçar em constantes erros de crase; a confundir os "ss" com os "zz", a maltratar citações clássicas, por aí a fora. Faltou, portanto, à edição publicada pela Fundação José Augusto em 1974 uma revisão cuidadosa da obra. E se tratando de um livro tão especial no opus cascudiano, é um fato duplamente deplorável.

Prelúdio e fuga do real vale, assim, como um testamento humanista do último Cascudo quando, já cumprida sua missão de intérprete nacionalmente aclamado da cultura popular, sua atenção se volta agora para um diálogo intenso com personagens históricos e mitos fundadores, com ênfase para os grandes temas humanos: vida, morte, transcendência, o efêmero e o duradouro, o amor, a amizade, a ambição, a traição, a luxúria, o poder, etc. Não é à toa que o livro abre com uma epígrafe de Machado

de Assis - "Não abaneis a cabeça" -, um autor sabidamente agnóstico - para contestar exatamente os céticos, representados por uma interlocutora anônima e passiva: "Não, Madame, não creio que os Deuses hajam morrido com a vitória do Cristianismo...". E citando um Heine afrancesado (Henri) (?), replica: "*Ces Dieux ne sont morts, ce sont des êtres incréés*" (sic). ("Estes deuses não morreram, são seres não-criados"). Ou seja, não têm substância corpórea, mortal, e estão, portanto, acima da própria morte.

Daí a criar uma complexa teoria sobre a vida espiritual é um passo. Esse processo culmina com a entrada em cena de centauros, deuses, artistas, filósofos, faraós, imperadores, reis, escribas, enfim, todo um rol de criaturas e criadores de sistemas, de crenças, de mitos.

O próximo passo de Cascudo será dar voz a cada um desses seres, recolhendo-se agora ao discreto papel de interlocutor respeitosamente mudo, na maioria das vezes; outras, discretamente irônico, cético, espirituoso, mas sempre brilhante, surpreendente. Lê-se por trás desses artifícios de estilo e sintaxe a intenção de realçar a fala do ilustre e (não de todo inesperado) visitante.

Mas que preocupações assomaram à mente do último Cascudo? Seus ilustres "visitantes" são a chave para esta pergunta. O centauro Bianor encarna a educação racional, e se esmera em provar ao Professor que eles, os de sua raça "não poderíamos escapar à imposição tentadora de influir também no temperamento humano". Bianor anuncia como contribuição *centaura* aos homens "agora em plena valorização psicanalítica, a guerra à mistificação escondida na Etiqueta, no Protocolo, no Cerimonial da Deusa Convenção, a liberalização nas relações

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

PRELÚDIO

E FUGA DO REAL

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

entre os sexos, a invenção da medicina, da cirurgia, enfim, um papel decisivo na evolução espiritual dos homens. É curioso como respingam referências à psicanálise e a seu criador, Sigmund Freud, ao longo do livro, com especial ênfase para o complexo de Édipo e o *leitmotiv* da libido! O que torna ainda mais lamentável que o próprio Freud não tenha sido convocado ao eleito ciclo de "visitantes" do velho mestre!

O segundo "visitante" é o filósofo romano Epicuro, origem do epicurismo, sistema que, popularmente, coloca o prazer sexual como aspiração humana absoluta. Epicuro vem contrariar, em seu arrazoado, essa visão simplista de sua doutrina e anunciar que há prazeres e

prazeres. O dele é, paradoxalmente, de natureza espiritual, dispensando, portanto, os sentidos enganadores.

Seria enfadonho enumerar os 34 "visitantes" de Cascudo. Mas dentre eles alguns se destacam pelo inusitado do tema que representam, ou pela incorporação de questões que só fariam crescer com o tempo. O barão de Munchhausen, por exemplo, representa a importância da mentira como moeda de livre trânsito nos negócios humanos; Pantasiléia, a luta das mulheres pela igualdade de direitos com os homens, etc.

Nesse duplamente insólito diálogo - de paradoxos e mitos - com o passado, Cascudo revela algumas simpatias por personagens estereotipados no negativo. Por exemplo, o apóstata Julião, - o imperador que tentou restaurar os mitos gregos e sustar o avanço do cristianismo, - nega ter combatido o Cristo, mas não poupa os cristãos: "eles faziam o ambiente irrespirável e torvo (sic)"; por sua vez, Maria Madalena reclama que "apesar de canonizada, permaneço a única vítima entre todos que seguiram

ao Cristo, Filho de Deus vivo!", referindo-se às versões de que teria sido amante de Cristo e de Judas, dupla calúnia, garante; até mesmo um autoconfiante Judas faz uma exposição de motivos que mais do que justifica sua traição ao Cristo: exige-a, como imperativo histórico, o que o transforma numa rara espécie de herói pela vilania.

E como todo humanista que se preze, Cascudo não esqueceu de dar seu testemunho político. O porta-voz é o monarca francês Henrique IV, aliás, no texto mais longo do livro. A fala é um elogio pausado e firme da monarquia enquanto forma ideal de governo. Não é difícil entender que ao comentar o conceito de liberdade, base das democracias representativas do Ocidente, diga o rei: "A força basilar, íntima, contida e perene n'alma humana não é a igualdade - é o amor pelo Comando, Direção, Domínio. Pregam a igualdade como o melhor e mais rápido acesso à Chefia desses iguais que passam a ser subalternos. Uma Autoridade é impossível entre seres funcionalmente iguais". E aproveita para citar Platão, a título de alerta: "O tirano nasce entre os cortesãos do povo".

Mas a quem se dirige Cascudo nesse *Prelúdio*? Com certeza, não ao habitual leitor de suas considerações sobre a literatura regional, nem àquele afeito aos seus escritos históricos, etnográficos etc. É claro que uma obra como essa, que hesita entre a ficção e a história, entre a filosofia e a mitologia, revela lacunas de lógica que exigem saltos de imaginação do leitor; que chama por sua participação ativa para completá-las. Enfim, é uma obra que se glorifica não "em uma lacuna", na colocação aguda de Henry James, mas em várias lacunas.

Essa espécie de leitor, capaz de ter ativa participação na leitura de uma obra (Roland Barthes classificá-lo-ia como aquele tipo de leitor cujo nascimento ocorre à custa da morte do autor) traz toda uma experiência de vida que o distingue perfeitamente do abstrato e inócuo "leitor ideal", isto é, incapaz de perceber as contradições envolvidas no texto. A distinção se faria justamente a partir dos interesses regionais, deste último, em comparação a interesses mais gerais, do primeiro. Cascudo tinha em vista tal distinção ao optar por exercitar-se como mitólogo e historiador das religiões, (quando se contentara, antes, a descrever os mitos e as crenças do seu povo). Mas esta foi a forma que reputou ideal para se dirigir ao "leitor crítico", aquele cuja experiência de leitura o qualifica como depositário do saber humanista. Só este novo leitor dá sentido às incursões nos mitos e nos seres quase-míticos convocados pela imaginação "em férias" do mestre potiguar. Ao deparar com esse repertório de valores humanísticos, vale dizer: atemporais, tal leitor assenhorear-se-á do testamento de Cascudo, um documento de recorte clássico, onde o grande humanista potiguar encontra seu momento mais universal, coroando uma trajetória intelectual que começou justamente de forma tolstoiniana: falando de sua própria aldeia. Ainda será possível se reconhecer no humanista o provinciano incurável, álibi favorito com que ele despistava seus temerosos leitores das preocupações que tomavam escopo em sua mente? Diria sem receio que não. 

Nelson Patriota é jornalista e sociólogo. Edita O GALO.

Acta diuma Acta diuma Acta diuma Acta diuma Acta diuma Acta

Oliveira Lima em Natal

Luís da Câmara Cascudo

Manuel de Oliveira Lima chegou a Natal pelo "Itagiba", na manhã de 23 de novembro de 1919. Com ele viajavam Dona Flora Cavalcanti de Oliveira Lima, um cunhado e duas sobrinhas. Do navio para o cais Tavares de Lima, o historiador foi transportado em escaler, remado pelas moças do Centro Náutico Feminino. Hóspede oficial do Estado, instalou-se no palacete da Chefatura de Polícia, no início da Junqueira Aires, antiga residência de Pedro Velho, hoje "A República". Toda a sociedade, intelectuais, Governador, magistrados, estudantes, professores, fazia semicírculo respeitoso em positiva homenagem justíssima. Oliveira Lima agradou a todos, na imponência de sua estatura ornamental, com seus cento e trinta quilos de banha e uma tonelada de inteligência, dentro da cabeça bem feita.

Na mesma noite houve o encerramento da Escola Normal, no "Carlos Gomes". Um grupo de crianças representou a fantasia lírica, em dois atos e musicada, "Floral", de Nestor Lima. Dum camarote o comandante Aristides Mascarenhas, depois almirante, gritava entusiasmado: - Bravos ao Beija-Flor! Bravos ao Beija-Flor! Toda assistência aplaudiu. O Beija-Flor era Ivo Neto, hoje médico.

Oliveira Lima viera para ser paraninfo da primeira turma de diplomadas pela Escola Doméstica. A festa foi no Teatro Carlos Gomes, a 25. Falou Meira e Sá, Juiz Federal, uma das égides da Escola, saudando o diplomata e sociólogo. Falou H. Castriçiano, pai da idéia do convite. As diplomandas tinham feito uma eleição e Oliveira Lima ganhara por unanimidade. Eram as Srtas. Maurília Guerra, Doralice Barros, Dulce Meira e Sá, Emília de Oliveira e Izabel Dantas. A Escola Doméstica possuía Lenora James na direção e várias americanas ensinando, Alice Rivers, Stella Minor, Rose James. Oliveira Lima pronunciou a oração de Paraninfo, com extrema graça, dizendo ser o "primeiro cargo de eleição que exerce e ainda por cima proveniente do sufrágio feminino". Linda festa.

A 26, os escoteiros do Alecrim, com Luiz Soares, prestaram-lhe preito de honra, com discurso de Dioclécio Dantas Duarte, então deputado estadual. Oliveira Lima passeou Natal, para cima e para baixo, de automóvel e de lancha pelo Potengi. A paisagem vista de Petrópolis encantou-o. No Brasil poucas paisagens se mostram tão lindas, dizia.

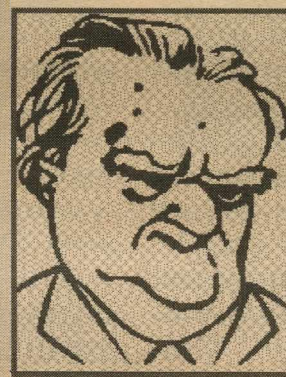
À noite de 26 houve festa no "Centro Polimático", cujo presidente era Bruno Pereira. O Carlos Gomes estava dentro do povo. Juvenal Lamartine presidiu a sessão e apresentou Oliveira Lima que leu sua conferência sobre Nísia Floresta. Depois falou Floriano Cavalcanti, na primeira

divulgação de assunto filosófico, "o pessimismo sob o ponto de vista do conceito universal".

no dia seguinte, 27, jornada pitoresca para Macaíba, num séquito de automóveis. Em Macaíba, parada escolar. Oliveira Lima assistiu ladeado pelas duas autoridades locais, o chefe político, Manuel Maurício Freire, e o Juiz de Direito, Virgílio Dantas, hoje Desembargador e Presidente do Tribunal de Apelação. Seguiram até Panelas, onde houve, na fazenda de Lídio Marinho, dois quilômetros da povoação, uma vaquejada completa, 80 vaqueiros exibiram-se em proezas fantásticas. Oliveira Lima tomou notas e abraçou vários vaqueiros, encourados e radiantes. Daí foram até Serra Caiada e voltaram para almoçar em Panelas (hoje Bom Jesus) à sombra romântica das Rainhas do Prado. Chegada a Natal às sete horas da noite.

A 28, visitas oficiais, discursos e taças de champagne em vários cantos. A Aliança Feminina homenageou Dona Flora pela voz de ouro de Palmira Wanderley.

LUÍS DA CÂMARA
CASCUDO



100
A N O S

Dona Flora
A senhora
Que da flora brasileira
Todas as flores contém...
De Natal hospitaleira
A Mulher se vos traz flores,
Do vosso floral, primores,
Perfumes, receber vem.

Houve almoço na Escola Doméstica, com saudação de Meira e Sá e agradecimento de Oliveira Lima. E rápidas corridinhas pelas ruas da cidade. Na manhã de 29 de novembro de 1919, em trem especial Oliveira Lima partiu para Recife, para a tranquilidade de Parnamirim, fazendo as malas no destino do exílio voluntário em Washington, onde morreria, nove anos depois. Ferreira Chaves, Governo do Estado, mandou o Chefe de Polícia,

Galdino Lima, representando-o na viagem. E também Anfilóquio Câmara, ainda professor e já acadêmico de Direito. E o Tenente José Vitoriano de Medeiros, hoje major reformado. Vitoriano, logo que o trem deixou Refoies, desembainhou o violão e, até Recife, cantou as modinhas mais ternas, as *chulas* mais brejeiras, as emboladas mais sugestivas. Oliveira Lima, imerso, enchendo a cadeira com corpanzil pesado, deliciava-se.

Junto, num *carro-buffet*, ia o Mordomo de Palácio Lustosa Pita, dirigindo as refeições.

Vinte e um anos se passaram. No cemitério de Mount Olivet, entre árvores de sombra, dorme tranqüilo, em Washington, o grande Manuel de Oliveira Lima. Nem sequer o nome, que aclamamos aqui, em novembro de 1919, aparece na pedra do seu túmulo. Existe, apenas, uma inscrição: AQUI JAZ UM AMIGO DOS LIVROS...



(23/6/1940 - excerto d'O Livro das Velhas Figuras, volume 1, IHGRN, 1974)

Bilac e Itajubá

Mendes Melo

Dois valores da literatura com o caráter comum de ser poetas e com uma grande diversidade de caracteres no que tange ao talento, à cultura e à arte de escrever. Isto determina, em parte, a amplitude de um nome nacional e a restrição de um talento estritamente regional.

Olavo Bilac, por natureza adaptado de corpo e alma à inspiração e à técnica parnasianas, explorou os temas mais diversos da universalidade do homem, nos lugares do mundo em que eles mais brilharam pela inteligência e pela civilização que criaram; que foi um artesão da forma e das palavras que cinzelou, conforme os propósitos estabelecidos na *Profissão de Fé*, poema inicial de sua obra poética. Por isso foi classificado no seu tempo como o Príncipe dos Poetas Brasileiros e fez com que sobretudo a mocidade de sua geração e de muitas outras que lhe foram posteriores, recitasse de cor os trinta e cinco sonetos do seu *Via Láctea*, versos impecáveis em musicalidade da métrica e na doçura das rimas que nos faziam e fazem entrar pela alma a beleza e pureza das imagens.

Ferreira Itajubá, prisioneiro de uma educação simples como a do pequeno mundo dos seus leitores, não teve meios e oportunidades de cultivar e fazer frutificar uma inteligência exuberante. Foi um vinho de satisfatório mas modesto "bouquet". Mas o que escreveu foi bastante para uma consagração. Foi suficiente para merecer de Mário de Andrade expressões como estas: "O verso dele é de uma suavidade impregnante, canto manso em melodia gostosa... O Brasil precisa conhecer melhor Itajubá." De Câmara Cascudo ao dizer dele que possuía "o casal de olhos que viu água, céu e terra honestamente nordestina, dispensando os vidros gregos, latinos e franceses." De Francisco das Chagas Pereira a alegria de haver descoberto um grande poeta quando estudou a totalidade de sua obra para escrever a monografia com que enriquece a biografia do poeta. De Nilson Patriota que, ao debruçar-se sobre a poesia de Itajubá descobre que "um triplo amor preenche-lhe as medidas: o da mulher que foi sua paixão; o de sua mãe que soube exaltar e honrar e o de sua terra natal". De Esmeraldo Siqueira que escreveu em prefácio que "a imaginação do poeta consegue belas figuras e evocações, cotejos e símiles brilhantes."

Conhecendo suas poesias completas e saboreando seus melhores poemas, após a releitura de Olavo Bilac, fixei-me por um momento em dois poemas dos dois grandes poetas, no tema comum do amor humano, o episódio semelhante do encontro e nas

expressões com que tratam as horas noturnas mais felizes para eles que as viveram e para nós, pelo legado dos dois belos poemas, mas que têm de ser aqui reproduzidos na íntegra, porque a beleza de ambos não está em expressões isoladas, mas em todo o conteúdo.

São os *Tercetos*, de Olavo Bilac, inseridos no seu livro *Alma Inquieta*, em que ele diz:

*Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fosse embora
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:*

*"Espera ao menos que desponte a aurora!
Tua alcova é cheirosa como um ninho...
E olha que escuridão há lá por fora!*

*Como queres que eu vá, triste e sozinho,
Casando a treva e o frio de meu peito
Ao frio e à treva que há pelo caminho?!*

*Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!
Não me arrojes à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!*

*Morrerei de aflição e de saudade...
Espera! Até que o dia resplandeça,
Aquece-me com a tua mocidade!*

*Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! deixa que amanheça!"*

- E ela abria-me os braços. E eu ficava.

*E já manhã, quando ela me pedia
Que de seu claro corpo me afastasse,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:*

*"Não pode ser! Não vês que o dia nasce?
A aurora, em fogo e sangue, as nuvens corta...
Que diria de ti, quem me encontrasse?*

*Ah! nem me digas que isso pouco importa!...
Que pensariam, vendo-me apressado,
Tão cedo assim, saindo a tua porta.*

*Vendo exausto, pálido, cansado,
E todo pelo aroma do teu beijo
Escandalosamente perfumado?*

*O amor, querida, não exclui o pejo...
Espera! até que o sol desapareça,
Beija-me a boca! mata-me o desejo!*

*Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
repousar, como há pouco repousava!
Espera um pouco! deixa que anoiteça!"*

- E ela abria-me os braços. E eu ficava.

Os versos de Ferreira Itajubá, constantes do livro *Harmonias do Norte*, sob o título de "É cedo, fica!", têm o mesmo encanto, com as expressões solícitas e ternas não do poeta, mas a ele dirigidas. Eis o poema, igualmente na íntegra.

*As pálpebras da carne se rachavam
Ao céu, côncavo manto de pelica...
Eu lhe disse: "Até logo", e ela tristonha,
Dirigindo-se à porta: "É cedo, fica!"*

*Duas horas depois ao vir da lua,
De aromas cheia, de langores rica,
Eu lhe disse: "Até logo", e ela tristonha,
Olhando o plenilúnio: "É cedo, fica!"*

*Já muito tarde, quando a madrugada
Desabrochava a flor, que purifica,
Eu lhe disse: "Até logo", ela, de longe,
Chorando no batente: "É cedo, fica!"*

*Ó bendito esse amor que vela estrelas,
Amor que nos alenta e mortifica!
Paixão que se despede entre soluços,
Entre beijos dizendo: "É cedo, fica!"*

Dois belos poemas de autores de estirpes diferentes, mas semelhantes no tema e nas emoções. O primeiro, Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (verso alexandrino perfeito) é nome nacional. O segundo, Manoel Virgílio Ferreira Itajubá, bem que poderia ser igualmente um poeta do Brasil. Em um, a beleza conjunta das idéias, da forma e das rimas, e no outro, a beleza natural e agreste na expressão de um poeta nato.

Seus leitores de hoje e de todos os tempos sentirão as emoções e sentimentos que quiseram transmitir no milagre a inspiração e na musicalidade da métrica e da rima.

Concluimos que as noites, as meias-noites, as madrugadas, as auroras, a meia luz do despertar das manhãs, são testemunhas silenciosas e discretas. Sabem elas e sabemos todos que, naqueles momentos que os dois poetas cantam, quando há AMOR a SENTIR e não apenas a "fazer", mesmo sendo muito tarde para ficar, sempre é cedo demais para sair.



Mendes Melo é sociólogo e jornalista.

AUSÊNCIA

Em memória de Veríssimo de Melo

Alice Spíndola

Há rumor de ausência no ar,
no céu, uma estrela cadente
estica seu raio
para outro horizonte
e faz anúncio de notícia triste.
Pela fibra ótica,
voz potiguar confirma:
“falta um verso
ao poema da Cidade”.

Corrente de água, no olhar,
aviva o cérebro,
lembrança viva
das falas ao telefone,
lembrança forte
da voz de Veríssimo,
cartas e artigos
diante dos olhos,
lembrança comovente
da certeza da perda.

Menino da Rua da Palha,
Príncipe no reino do Potengi
e que, em suas águas, renasce.
Vejo-o vindo no meu sonho,
caminhando até à Cátedra
de Professor de Antropologia.

Poeta laureado,
que procura palavras
em outra porta
mas, aqui na Terra,
que falta você nos faz!

Mar de indagações prevê:
sem este verso no poema,
perde a Cidade do Natal
um Nome, um Homem
e sucumbe muito encanto.
Natal fica sem seu cantor,
perde seu Ulisses.

Por isso, saudade canto,
canto o amigo Vivi,
meu mestre que nunca vi,
mas acordo de cor a sua voz.

Mestre Veríssimo
que procura palavras
em outro canto
mas, aqui na Terra,
que falta você nos faz!

(Uni) verso e síntese
da cultura potiguar,
amigo Veríssimo de Melo,
que mais você procura?
Não basta o samba? O futebol?
Onde arranja tempo para
a amizade à sua gente,
ao correspondente de longe,
ao Conselho de Cultura,
à Academia de Letras,
ao folclore, aos filhos,
à Noemi (o grande amor)
ao seu próprio Mundo?
Folclorista Vivi,
você é mágico e não sabe?

Imagine Veríssimo,
arco-íris de após chuva,
iluminando memória
de Cascudo a Ascenso,
Auta e Jorge Fernandes,
Américo, os Lima, os Fagundes,
Miguel Torga, de distante terra,
e tantos outros.
Mania de prestigiar os amigos
agora, vale-lhe a posteridade.
De tudo um pouco.
“Dos grandes, um pouco”.

Vejo-o chegando ao escritório
do Poeta do Baobá,
Diógenes da Cunha Lima,
em emotiva visita cotidiana
Vivi, acorde, olhe que maravilha!
Os acordes que aos jovens faz
já acordam outra geração!
Pujança da música
e da literatura
na bitola correta!
Alma e personalidade
enriquecem o continente cósmico
de auto-estima e orgulho mag

“Um músico bissexto?”
Ah, Vivi, que saudade!

Em todas as semanas,
telefonemas para Goiânia,
na voz, a notícia vibrante
instiga-nos a consciência
para o ideal harmônico,
a cultura pujante
e valoriza nossos outroras.
Humor reavivado
tece felicidade.
Que notícia boa!

Mago Veríssimo,
que procura palavras
noutro horizonte,
mas, aqui na Terra,
que falta imensa você nos faz!

Nas colunas dos jornais brasileiros,
o carimbo de um rosto costumeiro
ilustra o (uni) verso de opiniões.
Falta a roda de viola,
falta a conversa de bar,
falta a indignação do homem
que se indigna
porque, ainda, está vivo
e sua opinião prevalece.

Jornalista Veríssimo de Melo.
que procura palavras em outra Nação
mas, aqui, entre nós,
roga por nós que, ainda, vivemos!

Se saudade canto,
canto para Vivi,
meu saudoso amigo,
que nunca vi,
mas sei de cor
sua dedicação!
Amigo Vivi,
que falta você nos faz!

Gente de Natal, não reclame
dessa saudade,
o nosso Vivi sabe muito bem
como se anda

A I C N Ê S U A

A figura humana do escritor e pesquisador
Veríssimo de Melo é invocada pela poetisa
Alice Spíndola

nos guindastes dos raios de sol,
o nosso Vivi conhece o caminho
da casa da montanha,
lá, onde existe o refúgio dos deuses,
lá, onde existe o temp(l)o dos imortais,
por isso cante comigo,
exulte Veríssimo de Melo,
cante a serenidade,
cante sem saudade.

O Vivi vive,
Vivi, Poeta de muitos cantos,
escreve o viver
e, na busca por mais um canto,
o Poeta se encanta.
Embora eu confesse que,
ao poema da Cidade do Natal
importante verso
sempre estará faltando!

Vivi, Cidadão do Rio Grande do Norte,
que procura palavras em outro destino
mas, aqui na Terra,
que saudade nos traz!

Veríssimo de Melo,
elo de além fronteira,
nome de renome
na biografia do nordeste
verso único,
em canto único,
verso de grande força
que ao poema da Cidade do Natal
de agora para frente
sempre estará faltando

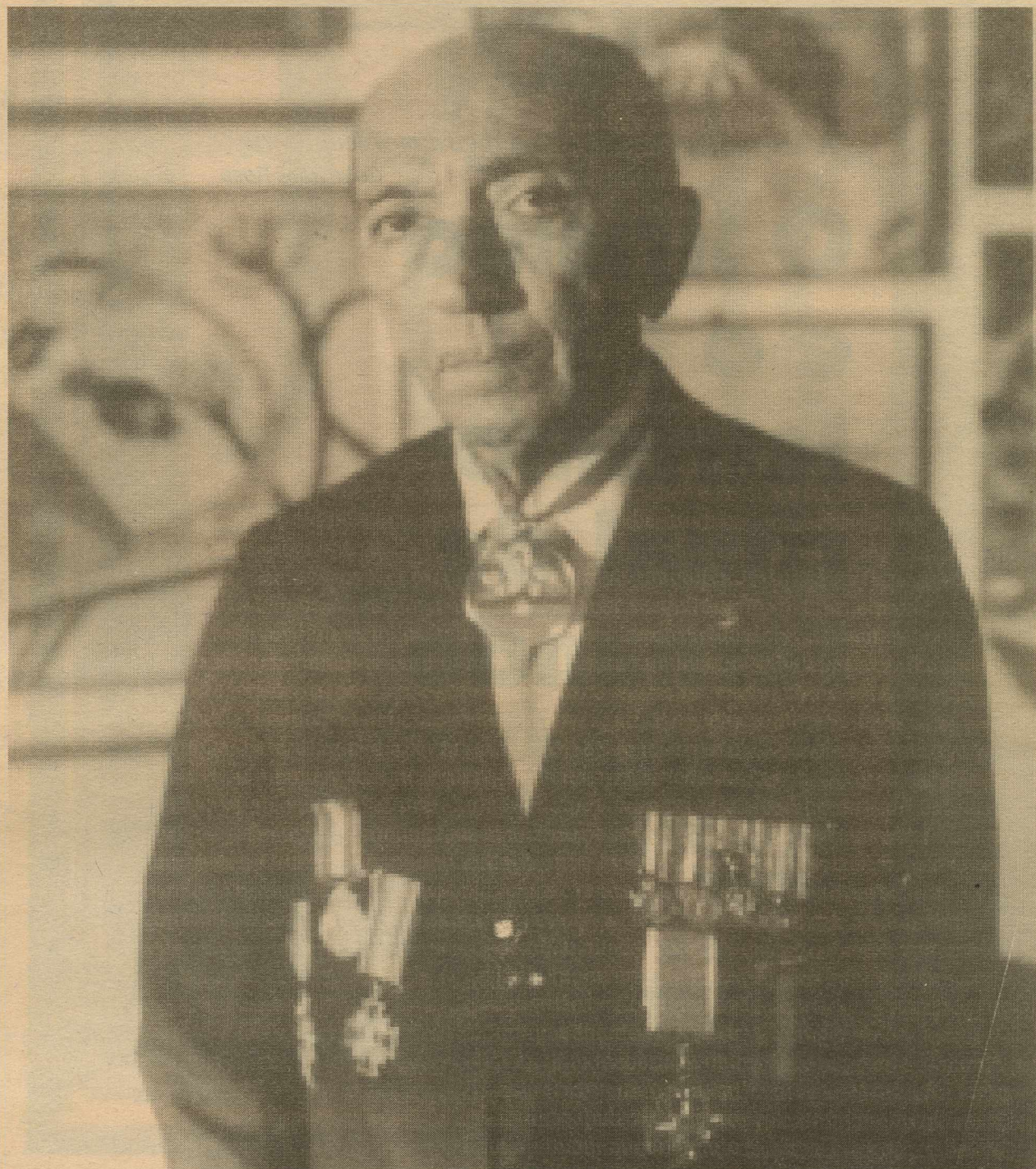
Veríssimo estrela
que ilumina o firmamento,
em ascendendo ao céu.

Palavras de muito encanto
migram do Alto,
ao som de violinos,
em ária de bênçãos.

Orquestra de cordas
vem de alto vôo
e transborda o ar de emoção.

Mar de paz empurra
para as praias de Natal
escravêlhos sagrados
anunciando o quase fim do mar
das ilhas culturais.

De que campo vem, ó inveterado
e incorrigível batalhador?



Mande, pois, do exílio
a canção mais linda
de carona com o sol
das palavras bem quistas
para que perfumem a Terra
e consignem o pacto da bem aventurança
abençoando aos amigos.

Para a sua saga,
na Natal que o chora,
o Atlântico pranteia
escravêlhos sagrados à sua honra.

Mas, cá na Terra,
sem nenhuma dúvida,
ao poema da Cidade do Natal
inesquecível verso
para sempre estará faltando!

Ouso dizer, Amigo Veríssimo,
descanse em paz, amém!
Poeta, você merece!

Há algo de eterno no ar...



Alice Espíndola Cardoso (Alice Spíndola) nasceu em Nova Ponte, MG. Autora de *Fio do Labirinto* - poemas - "Prêmio Nacional Jorge Fernandes", pela UBE-Rio de Janeiro - "1º Prêmio Nacional Auta de Souza", pela Prefeitura de Macaíba - RN - Selecionado para a Coleção *Vertentes do Cegraf* - (Centro Editorial e Gráfico da Universidade Federal de Goiás). Poetisa várias vezes premiada, integra diversas antologias brasileiras.

Endereço: Rua 20, 639 / 703 - Centro
74 030-110 - Goiânia - GO - Brasil
tel.: 55 62- 223 1245



"A arte procura sempre a terceira margem do rio"

Guimarães Rosa

O lirismo e o letrismo ritual de Fernando Aguiar

J. Medeiros

Cirlot em seu *Dicionário de los ismos* define o lettrismo (uma corrente poética que tem as suas fontes bebidas no Futurismo e no Dadaísmo) como "uma fórmula situada entre a banalidade e a graça de criar certo efeito poético pela simples agregação de letras, sem formação de palavras significativas e, portanto, sem emprego de imagens ou idéias de qualquer espécie, pondo em jogo a pura sonoridade inarticulada e o ritmo que decorre de tais arranjos" (ver Sittanjáfora). Dentro da poesia visual pós-futurista assistimos a uma série de tendências da poesia literária que ainda é praticada, o verso como unidade expressional em suas diversificadas instâncias como o soneto, entre outras. No cerne da poesia visual encontramos instâncias trans/literárias como o **soneto visual** letrista, onde o a'rtista em sua **performance viva** expressa-se corporalmente.

Poetas como a inglesa Ana Hatherly e o português Fernando Aguiar, têm dimensionado este lance de dados. Este último, promove os seus rituais



performáticos utilizando-se em seu conjunto dos rudimentos da poesia sonora (como uma das modalidades da poesia experimental portuguesa e da poesia visiva italiana do segundo meado dos sessentas).

A sua prática se dá com a intervenção direta sobre determinados signos, gravuras (ícones barrocos) e/ou retratos históricos, como os célebres dos portugueses Eça de Queiroz, Oliveira Junqueira, Anthero de Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro.

Em suas "Recent Actions", F. Aguiar registra as suas mais recentes apresentações públicas, que vão desde a Slovakia a Bento Gonçalves (RS) e a Hiroshima, no Japão. São espetáculos dotados de **processos** rituais verbivocovisuais, onde o poeta **multimídia** utiliza-se de vários mecanismos expressivos da gestualidade, re-produtores de signos outros, a exemplo dos *3 sonetos - acção portuguesa*, apresentados na Nave de Serviços Artísticos, em Santiago de Compostella, na Espanha, em 1995, onde o autor recria ambientalmente e/ou dá outra dimensão corpórea ao soneto estático, transformando-o em ópera e(x)tática, aliando ao seu contexto o movimento objectual (a poesia sonora(visual) em si incurcionada) a exemplo de uma performance realizada J. Medeiros e Melo e Castro durante a mostra Poex (Poesia Experimental Portuguesa), promovida pelo setor de Multimídia do NAC, da UFRN, em Natal, na segunda metade dos oitentas (ver "Semeadura de letras").

A esta situação alia-se contextualmente o movimento objectual para a **geração alternativa** de um signo outro; um posignovo/vivo, de **nuestra memória**.

Acerca do "soneto verbi-voco-visual" apresentado em Spoleto, na Itália, também em 1995, Fernando Aguiar descontextualiza o signo lingüístico, inserindo-o no espaço tridimensional, pondo em prática propriamente o que Cirlot afirmou anteriormente como "fórmula situada entre a banalidade e a graça de criar efeito poético pela simples agregação de letras, sem formação de palavras significativas e, portanto, sem emprego de imagens ou idéias de qualquer espécie, pondo em jogo a própria sonoridade quase inarticulada e o ritmo que decorre de tais arranjos".

Aqui, a composição trans/verbal e trans/sonora põe em xeque uma certa ambivalência; do realismo à gratuidade pré-conceitual, da crítica gratuita da gestualidade do novo signo em **processo**, que a retina estática do leitor estático, o que não vê o previsível, pela sua ignorância repertorial limita-se a determinado jogo lingüístico cansado, de certo soneto clássico (de pé quebrado). O soneto aqui é concebido tridimensionalmente (holograficamente), dinâmico e polivisual, indo além do alcance lingüístico, explorando códigos múltiplos, não visíveis a olho nu, ou seja, novos signos não perceptíveis pelo leitor limitado, a geração de um novo SIGNIFICANTE.



J. Medeiros é coordenador do Setor de Multimídia do NAC/UFRN e foi curador da Mostra Comemorativa dos 30 Anos do Poema/Processo, promovida pela Fundação José Augusto em 1997. É autor, entre outros, do livro *Geração Alternativa - Antilogia Poética - (anos 70 e 80)*.
Lacim/UFRN

PEREGRINO Júnior

Inspiração de Ribeiro Couto para seu conceito de “homem cordial”, inovador da exegese machadiana, médico, professor, jornalista, cronista, contista, o norte-rio-grandense Peregrino Jr. teria completado uma centena de anos no dia 13 deste mês, caso estivesse ainda entre nós. Autor, entre outros livros, de “Mata Submersa”, “Puçanga” e “Doença e Constituição de Machado de Assis”, seu legado literário é analisado por diversos autores, nesta justa homenagem que lhe presta O GALO.

O GALO

Ano X - Nº 2 - Março, 1998

O regionalismo dos contos amazônicos de Peregrino Jr., reunidos no livro “A Mata Submersa” (1960), alcança uma dimensão universal, assegurando a seu autor um lugar de destaque na arte da narrativa breve. Sua linguagem é repassada da “visão tragicômica da vida, a fina ironia e, principalmente, a verdade humana de seus personagens”, no dizer do seu biógrafo Dorian Gray Caldas.



Um humanista

Dorian Gray Caldas

É para mim motivo de orgulho tentar traçar o perfil daquele que foi Peregrino Júnior, nas letras, na ciência, no cenário da cultura nacional. Inteligência poliforma, grande contista, jornalista atuante, médico notável, ensaísta, pensador, homem de ciência, escritor. Perspicaz e profundo em todas as modalidades dos seus estudos. Ira se interessando pelos problemas da poesia, da arte, do escritor brasileiro, da biotipologia nas artes, na literatura, ora defendendo em festivais e conclaves, dentro e fora do País, os assuntos da cultura e do ensino nas universidades brasileiras. Dessa amálgama de contrates, dessa energia de valores, haveria de se impor a figura impar e singular de Peregrino Júnior. Escritor, **causeur**, diplomata, humanista. Quase todas as áreas do conhecimento humano lá estavam implícitas em sua obra, sua visão humana e científica, sua verdade interior. E o fez com probidade e alto senso de responsabilidade. Daí a minha difícil incumbência de tentar neste discurso abordar (mesmo que o faça com o mais absoluto desprendimento) os diversos aspectos da obra desse escritor polivalente, que já foi estudado e pesquisado por críticos da envergadura de um Ivan Cavalcanti Proença, Armindo Pereira, Austregésilo de Athayde e tantos outros de renomada competência. Quis o destino que fosse eu a traçar-lhe o perfil ao tomar posse na cadeira n.º 9, anteriormente ocupada por tão ilustre acadêmico, embora o faça com humildade e paciente reflexão, pondo à prova as minhas limitações e procurando sobrepor-me a elas

**As realizações,
os festivais,
as condecorações,
a convivência humana**

O espírito de convivência foi uma das maiores virtudes de Peregrino Júnior. Em torno dele, numa constante e recíproca cordialidade, reuniam-se sempre os amigos, para discutir problemas, traçar

metas, criar condições, executar programas em prol da cultura brasileira. São famosas as reuniões do dia 13 de cada mês. No dizer de R. Magalhães o Clube dos 13 que foi fundado por Ribeiro Couto, teve em Peregrino Júnior seu assíduo e prestimoso incentivador, contando com nomes de projeção a exemplo de Manuel Bandeira, Rodrigo Otávio, o próprio R. Magalhães Júnior e tantos outros. Registrem-se também os famosos almoços na ABI, onde a figura polivalente de Peregrino Júnior emprestava àquelas reuniões calor humano, numa fraterna convivência de elevados propósitos, reveladores de sua capacidade de conviver. São dele algumas iniciativas que culminaram em realizações culturais que todo o Brasil conhece.

O ensaísta

Peregrino Júnior nos legou diversos ensaios, desde estudos sobre o folclore brasileiro aos temas sobre arte, poesia e universidade. E ainda trabalhos sobre sua especialidade médica: a Endocrinologia.

De um ensaio seu sobre o Bumba-meu-boi de Óbidos e Santarém de Belém do Pará, que conheceu melhor que os do Rio Grande do Norte, que no dizer de Luís da Câmara Cascudo é “divertimento centralizador das preferências populares”, Peregrino afirma que “os figurantes são os mesmos na linha de prioridades”. A verdade é que o auto do Bumba-meu-boi é uma das mais legítimas tradições do nosso folclore, tendo atraído estudiosos de todos os quadrantes. Mário de Andrade estudou e levantou diversos aspectos do nosso auto, comparando-o a outras variantes brasileiras e universais. No ensaio sobre este assunto, Peregrino Júnior, mesmo reconhecendo a aculturação do auto português às características locais, ressalta que ele “continua sendo o mesmo em sua tessitura dramática”.

Outro ensaio do mestre de Pussunga — Natal na Amazônia —, recorda o escritor o natal do caboclo que “vive largado e só na barranca dos grandes rios paludiais”. Serve o tema a Peregrino Júnior, para falar na sua terra Natal, acentuando que: “parece até a Nau Catarineta de seu Miguel

Leandro”. A presença das festas natalinas volta na noite da memória, e o telúrico e o menino se confundem com “as sombras da mata, com os duendes da floresta”. Pág. Seleta, 111. Ivan Cavalcanti Proença. Ed. José Olympio e INL.

O médico, o professor, a universidade

Formou-se Peregrino Júnior no ano de 1929 pela Faculdade Nacional de Medicina — UB, no Rio de Janeiro, em turma de 374 médicos. Em 1939 criou o Serviço de Endocrinologia Clínica do País, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. De 1937 a 1939 chefiou o Departamento Hospitalar do IPASE. Professor de Clínica Médica, membro do Conselho Universitário, membro da Academia Nacional de Medicina e outras entidades médicas do País. Em 1940, Peregrino Júnior é nomeado para catedrático de Biometria da Universidade do Brasil. Nesta oportunidade recebeu dos amigos uma extraordinária consagração. Registramos alguns pronunciamentos e depoimentos sobre Peregrino Júnior, proferidos no Salão Nobre do Automóvel Club, salientando a sua nomeação e a sua personalidade.

Toda sua vida é uma afirmação viril de otimismo e confiança”. Acrescenta Odílio Costa Filho: “Em primeiro lugar, o escritor e médico cresceram separados, neste espírito tão interessante. Nos seus contos é certo que sempre se morre; mas quase nunca de doença, sim de morte matada”.

Naquela época já eram registradas as preocupações de Peregrino Júnior com os problemas ainda hoje pertinentes às Universidades brasileiras, naqueles idos de 1940, em plena 2ª Grande Guerra Mundial.

Alude a que “Devemos ministrar aos jovens do Brasil idéias claras e estáveis sobre o mundo e sobre o homem do seu tempo.

O contista

Em seus contos não faltam a visão tragicômica da vida, a fina ironia e, principalmente, a verdade humana de seus personagens. Num ambiente inóspito, adverso e conflitante, onde o homem é apenas um acidente no meio daquela “mata submersa” (título de um dos seus livros em que descreve o meio amazônico), Peregrino Júnior percebe, logo que chega a Amazônia, que violentada está sua sensibilidade, naquele mundo verde e desumano.

Se em alguns dos seus contos percebe-se o leite dos clássicos, dos filósofos e dos

pensadores e poetas, fruto de uma formação humanística bem cuidada, em outros momentos a natureza parece falar por si só, e toda a força da terra parece emergir das altas árvores da floresta do seu pensamento criador. São descrições com muita nitidez, frutos de sua convivência, interpretação do **habitat** humano. O conhecimento da flora e da fauna, a interpretação dos hábitos e da fala, a toponímia, o som dos pássaros, as ribanceiras dos rios, a geografia do verde, a visão sociológica, os mitos e as forças obscuras da vida numa mutação constante, todo este mundo obscuro e fascinante daria ao nosso escritor material inesgotável na criação dos seus personagens pelo seu talento.

Mas o nosso escritor não ficou só no estudo desse enigmático cenário amazônico, ainda mais complexo e estranho ao tempo em que andou por lá, recolhendo subsídios para trabalhar seus contos. Foi além. Soprou como um deus mitológico no barro de suas figuras as paixões e as fraquezas, dando-lhes o mistério da vida.

A grande preocupação de Peregrino foi a Amazônia. Observa Artur César Ferreira Reis que “A Amazônia entrou nas preocupações universais, levando os estrangeiros a formularem planos para integrá-la num sistema de domínio manso, pacífico, a seus apetites e seus desígnios econômicos”. (Registro do seu livro “O Impacto Amazônico e o Desafio dos Trópicos”).

O nosso escritor estuda ao tempo a exploração do homem pelo homem; a vida dos seringueiros; os Paraoaras vindos do nordeste, na tentativa de melhores dias e melhores salários; a vida dos regatões dos igarapés: o comércio entre brasileiros e bolivianos; a impossibilidade de vencer o desafio da mata; a morte e a vida dos seus



O jornalista

Peregrino Júnior teve no jornalismo brasileiro uma atuação marcante. Atravessou toda a juventude e maturidade ligado ao jornalismo. Destacando-se também na crônica social. Esta inclinação para o jornalismo, remonta à cidade de Nova Cruz, no RN, quando Peregrino fundou a folha “O Independente”, tendo, depois, na cidade do Estado, colaborado na “Gazeta de Natal” ou “O Libertador”, e ainda em “O Jornal da Manhã”. E criou também “O Espectador”. Em sua permanência na imprensa local, por escrever um artigo insultoso, Peregrino foi punido com uma suspensão que atingia seus estudos por um ano. Magoado pela violentação que lhe feria os princípios de jovem idealista, transferiu-se, na companhia de um tio, para o Pará, onde começa a sua brilhante carreira jornalística e literária.

Escreve nos jornais do Pará, em “A Província do Pará” e na “Folha do Norte”. Organiza em Belém o grupo da revista

EFEMERIS, espécie de precursora dos ideais modernos, no dizer de Inojosa.

Peregrino Júnior começa a escrever a sua Crônica Social. Da **Gazeta** passa o jornal “A Notícia”, onde escreve uma crônica com o título “Pé de Coluna”. Logo depois, no Rio-Jornal, passa a assinar uma coluna com o título de “Vida Fútil”, Georgino Avelino é o diretor do jornal e Azevedo Amaral e João do Rio seus co-diretores. As crônicas reunidas iriam resultar em seu livro (1923) com o mesmo título — Perguntado porque “Vida Fútil”, nos responde Peregrino Júnior “apenas, talvez por uma sugestão de autocritica, visando certos assuntos inevitavelmente fúteis”. Assuntos aos quais Peregrino Júnior sabia dar a verve e o colorido próprios do seu temperamento extrovertido. Nessa coluna, além da nota fiscal social propriamente dita, fazia um comentário de um livro em evidência ou publicava um poema de preferência inédito.

Peregrino Júnior foi muito importante nessa fase do movimento modernista. São dele algumas entrevistas com escritores e poetas do movimento, que se tornaram conhecidas em todo o Brasil.

habitantes em permanente conflito, ora com a terra ora com seus semelhantes. Mas a tudo isso, sempre um amor, uma paixão, uma cabocla ou uma mulata tipo "Feitiço" faz muito **estrepício** na vida daqueles pobres homens abandonados nos ermos das noites amazônicas, cheias de vozes e mistérios... E aí, no dizer de Peregrino, "O Brasil acabou". (acabou ou começou?) Ali o inferno verde... Inferno de terra pobre, de águas envenenadas, de espectros miseráveis e tristes".

Se na vida Peregrino Júnior teve a consagração merecida, o reconhecimento justo, na morte teve as mais comovidas homenagens dos seus amigos e admiradores.

Celso Kelly se refere aos "Peregrinos", aquele grupo de amigos (seis de início), peregrinos de boa vontade, dispostos à ajuda desinteressada e nobre à realização de metas no convívio inteligente em busca de soluções para a cultura e as letras do Brasil". Refere ainda Celso Kelly: "Peregrino de espírito, buscando sempre novas emoções e novas idéias, no mais caprichoso mundo, que é o mundo do pensamento". São Peregrinos hoje muitos e assim foram seus amigos, e ainda o são, perseguindo uma obra em seus trabalhos e principalmente em seu exemplo.

Austregésilo de Athayde expressou no adeus a Peregrino: "Foste exemplar no círculo da família, dos irmãos ilustres com quem viveste nas varas da mais íntima fraternidade, esposo e pai incomparável, amigo inextinguível. Como cidadão e patriota ganhaste os títulos com que honradamente arribas hoje às planuras invisíveis das crenças, das fábulas e da poesia exímia,

As considerações finais

"O nosso maior bem é esse: carregar por todas as terras e por todos os mares uma obsessão afetiva". Eis o depoimento de Peregrino Júnior já no final do seu livro. Afetivo e inumerável em tudo o que fez e viveu. Infância e maturidade, vida e doação, numa obra densa, rica de aventura e repleta de ternura humana.

"A Mata Submersa", um conto dentro de um conto. Eis o memorialista, o poeta. O sentimento maior da infância redescoberta e nunca perdida. Saudade. O sentimento mais legítimo do tempo passado. O reencontro no tempo e no espaço com sua verdade interior. Inventário. Deslizam barcos no rio Potengi: sítios em Macaíba; e trem da Great Western lido e sacolejante varando a noite. O menino novamente passe-ia as ruas da infância. Visita os amigos, entre eles, Cristóvão e Garibaldi. Jogos de peladas na antiga praça Pedro Velho. Assiste os autos do Bumba-meu-boi,

as lapinhas e os Fandangos. Alto das Rocas. Passeia na Rua da Palha. Abre a porta do Forte dos Reis Magos. Sobe a calva branca dos morros. Dezembro. Natal lírica e ainda mais lírica nos versos de Otoniel Menezes, nos poemas de Ferreira Itajubá, nos sonetos de Auta de Souza e Palmira Wanderley. Noturnos de violões de Eduardo Medeiros. Cantigas de Praieiras. Tudo isso profundamente como diria outro grande poeta no seu coração. Esta herança afetiva, este sentimento do tempo reencontrado. Tudo isso e muito mais: "a mitologia emocional" que Peregrino dizia levar por todas as partes para onde fosse. Onde estivesse. A geografia sentimental de sua terra que ele nunca esqueceu, "nem nas voltas de sua vida." "nem nos passos ficcionais de sua obra". A vivência longínqua da sua infância. A terra e sua gente, a paisagem e os bens da amizade, este que a memória não apaga nem se ausentam dos nossos corações.

como que se aninham as esperanças e as ilusões do homem em absorta contemplação do seu último destino". Jornal do Comércio. 25-10-83.

Enélio de Lima Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, presente às últimas homenagens a Peregrino Júnior, falando em

seu nome e em nome da Instituição que dirige, encerrou as últimas homenagens prestadas a Peregrino Júnior, no mausoléu dos imortais: "A luz divina iluminou os seus caminhos, pelo exemplo da existência fecunda, sempre honrando o Brasil e, em particular, o Rio Grande do Norte, seu e de seus contemporâneos".

Que são os peregrinos?

Celso Kelly

No cartaz da cidade, mais particularmente nos domínios das letras e artes, começa a aparecer um novo e curioso título: "os peregrinos". Designação sonora, um tanto misteriosa e imprecisa, dá motivo a indagações, à proporção que o nome caminha a sua marcha um tanto clandestina sem publicidade nem alarido, restrita à intimidade dos próprios "peregrinos".

Que serão os "peregrinos"? e a pergunta continua a ser formulada. Não são "estrangeiros", à maneira da classificação romana, que assim considerava os que vinham de fora, sem gozo do direito da cidade. Não são discípulos ou adeptos de *Peregrinus Proteus*, porque nenhum deles professa as idéias do filósofo cínico. Nem peregrinos, ligado à história por qualquer

episódio. São os novos "peregrinos". De onde vem e por que assim se batizaram?

A origem não é remota. Um grupo de "seis", que se ampliou aos poucos. Um grupo de velhos amigos que ainda cultivam o prazer da companhia e almoçam juntos todas as segundas-feiras. Esse grupo poderia ter parodiado o verso de Olegário Mariano alterando-lhe apenas o número: "Éramos seis em torno da mesa..." E, adiante: "um músico, um pintor, um poeta...", acrescentaríamos mais algumas atividades artísticas na agitação do mundo moderno, a seduzir e encantar o espírito curioso de um dos mais interessantes grupos do Rio de Janeiro.

E, afinal, peregrino por que? A nenhum deles a idade confere as credenciais do tempo para torná-los "raros", dentro da acepção da palavra. Peregrinos por suas

virtudes, diríamos melhor. Peregrinos pela raridade de seus títulos, de sua composição, de seu entendimento, de sua cordialidade — não seria exagero afiançá-lo. Peregrinos porque sejam viajantes ou romeiros, em busca de outras terras? Isso não. Mas peregrinos de espírito, buscando sempre novas emoções e novas idéias, no mais caprichoso mundo, que é o mundo do pensamento — isso, sim eles podem ser. Peregrinos que passeiam, inquietos, pela poesia, pela história, pela prosa, pelo jornalismo, pela sociologia, pelas artes, pelo teatro, pela diplomacia, pela política, pelos mais altos e variados estudos. Peregrinos que nunca se fecharam dentro das formas estreitas do academismo, mas vivem a procurar e a pesquisar novos meios de expressão.

(*) "A Noite" Letras e Artes de Celso Kelly

A síntese brasileira

Antônio Carlos Villaça (*)

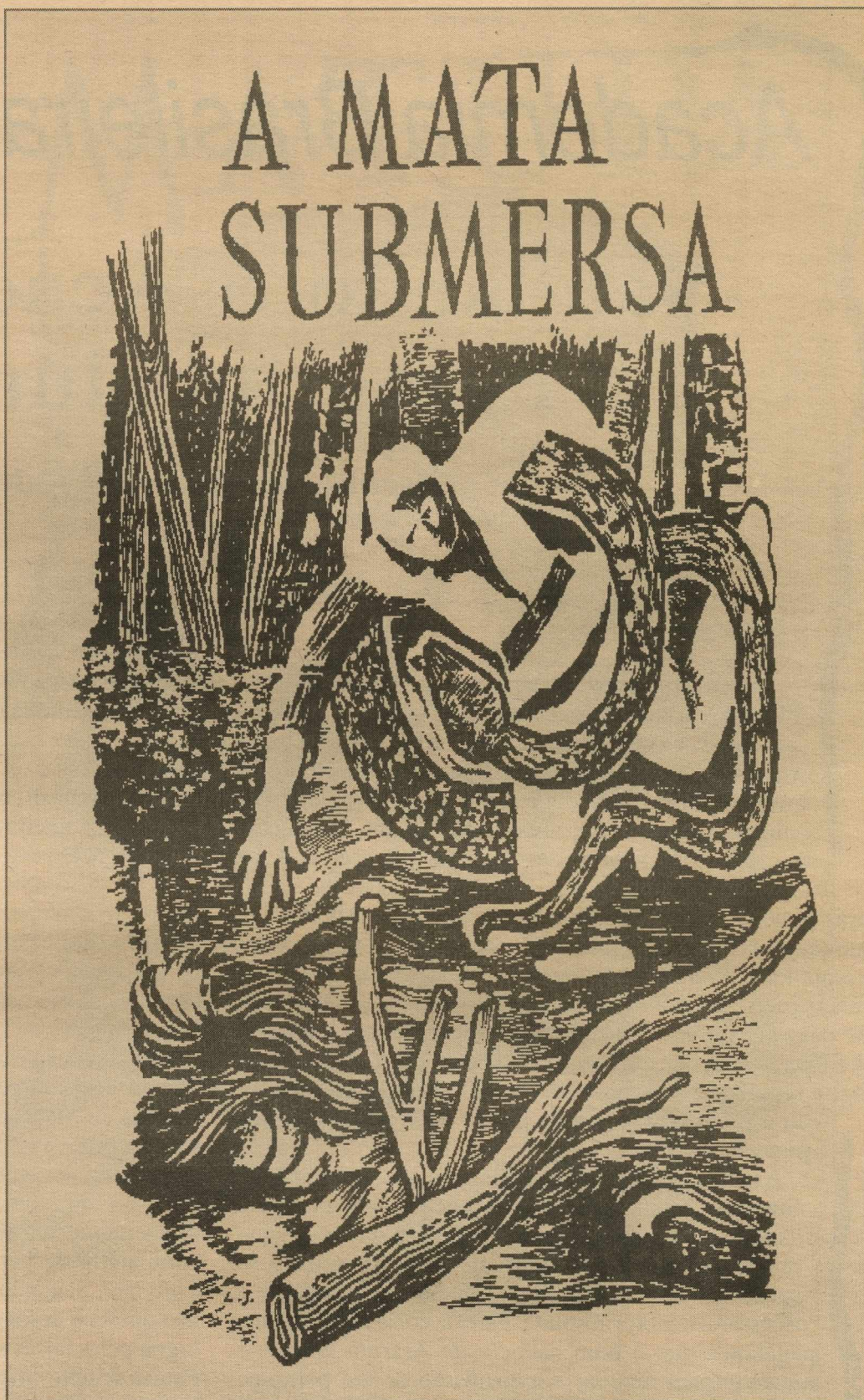
Peregrino Júnior, que acaba de morrer, foi bem uma síntese do Brasil. Um dos brasileiros mais representativos daquilo que somos como povo. Era um ser de contrastes. Conciliava em si o extrovertido, a suavidade e a agressividade, o poeta e o homem de ação.

Nasceu na cidade de Natal e levou pela vida afora esse chão do Nordeste dentro de si, como uma imagem profunda e inapagável. Foi extremamente fiel à sua província, como todos os seus irmãos e especialmente o general e também escritor Umberto Peregrino, que se dedica na sua casa de São Saruê, em Santa Teresa, com um carinho enorme, à arte popular do Nordeste.

Sob esse aspecto, Peregrino Júnior foi bem povo e povo quis ficar a vida inteira, numa fidelidade comovente às suas origens. Falava do Forte dos Reis Magos ou da casa de Luís da Câmara Cascudo, na Avenida Junqueira Aires, com minúcias de amor. O Rio Grande do Norte estava nele para sempre, como em Homero Homem. E ele queria voltar, rever as paisagens de outrora, comer as comidas do seu povo, reencontrar-se com as raízes do seu ser.

Filho de professor, tornou-se jornalista. E lá se foi para Santa Maria de Belém do Grão Pará onde conheceu na glória travessa de seus 20 anos a inesquecível e fascinante Eneida. Viveu na mocidade a sua aventura amazônica. Nordeste e Norte estão na sua vida e na sua obra como presenças fundamentais. Nada o impressionou tanto ao longo do seu destino como esse contato com a Amazônia, essa descoberta de um mundo violento e avassalador que seria a matéria-prima da sua ficção regionalizada.

(*) Jornal Última Hora – Rio de Janeiro



FESTIVAL DO ESCRITOR BRASILEIRO

Para Peregrino Júnior, é um ato em que se reflete nosso amadurecimento cultural

Valdemar Cavalcanti (*)

“TUDO indica que o IV Festival do Escritor Brasileiro repetirá o êxito dos festivais anteriores, talvez até em maior escala, pelas perspectivas que a sua organização oferece. Ano a ano crescem o entusiasmo dos homens de letras e o interesse do grande público por essa autêntica festa da inteligência, em que tão bem se reflete o estágio em que nos

encontramos, do amadurecimento cultural”. Foi o que nos disse o acadêmico Júnior, presidente da União Brasileira de Escritores, organismo profissional promotor do encontro anual dos intelectuais com a freguesia literária da Guanabara. “Mais de 300 escritores se inscreveram e estarão amanhã em seus stands, no Museu de Arte Moderna, ao lado de figuras de projeção no mundo artístico, político e social, pondo dedicatórias em seus livros, para os amigos e admiradores. O Festival que é, sem

dúvida, a maior promoção que se faz do livro brasileiro, constitui sobretudo, um movimento de aproximação entre autores e leitores e de confraternização intelectual”. Peregrino Júnior acentua além do mais, o caráter nacional que se revestem os festivais: deles participam escritores de todo o país, identificados por um sentimento comum de cordialidade, visando todos à valorização das atividades do espírito.

(*) “O JORNAL” - RJ – Coluna “Jornal Literário”

Academia Brasileira de Letras

Saudando o Acadêmico Peregrino Júnior

Discurso de Manuel Bandeira

Sr Peregrino Júnior:

No vosso conto dos "Cherimbabos do Tuchaua" o velho Florindo explica o segredo da raiz de uirapaçu: "O pica-pau da cabeça vermelha conhece uma raiz que abre todas as coisas. Quem possui ela, abre tudo que é de porta este mundo. O diabo é descobrir adonde é que o uirapaçu tem o ninho. O pássaro é arisco e esconde o ninho bem dentro das matas, no bamburral, em riba de um pau seco, quando o uirapaçu está criando, aproveita-se a hora em que ele sai atrás de comida pios filhos e tapa-se com barro o buraco de entrada do ninho. O pássaro volta, e achando o ninho tapado, voa pra longe e vai buscar a raiz encantada. A gente então acende uma fogueira em baixo do pau e espera e espera que ele volte. Ele trás a raiz no bico e vem doido pra salvar os filhos pra salvar os filhos. Assim que ele chega perto do ninho, a gente atíça o fogo e faz uma labareda grande. O uirapaçu se espanta e deixa cair a raiz no chão. Quem ajunta ela, está com a vida garantida."

Assim, não há porta fechada para quem tem raiz de uirapaçu. Ora, as portas desta Academia permaneceram durante quase dois anos ciosamente fechadas aos que pretendiam ocupar a cadeira n.º 18. As eleições se sucediam sem que nenhum candidato alcançasse a necessária maioria absoluta. Parecia coisa feita, alguma pagelança que o bom caboclo de Araruta houvesse praticado para retardar a transmissão de um poltrona. Confesso-vos que, ao vê-las abrirem-se tão facilmente para vós, pensei comigo: aqui andou raiz de uirapaçu...

A cordialidade, assim entendida, foi sempre um dos vossos apanágios. A tal ponto, que desde logo associei a vossa pessoa à teoria de Ribeiro Couto, e quem sabe se não fostes o principal inspirador dela? Sois, por excelência, o "homem cordial".

A verdade é que, com ou sem a raiz de uirapaçu, possuíis o segredo de abrir todas as portas - a dos corações, a das academias, a das universidades. E certamente não foi por sortilégio da raiz amazônica, mas em virtude de provas eruditas e brilhantes que chegastes às cátedras de docente de Clínica Médica na Faculdade Nacional de Medicina e na Faculdade Fluminense de Medicina. Quando, em 1940, fostes nomeado catedrático de Biometria da Universidade do Brasil, recebestes a homenagem de numerosos amigos e admiradores, e a palavra do mestre da famosa 20ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, o eminente professor Austregésilo,

consagrou o vosso renome científico.

Assim que, desde a adolescência vos revelastes pescoço forte, abandonando o ambiente familiar de vossa província natal, tão enternecidamente evocada em vosso discurso, para ganhar as esporas de cavaleiro do exército do Pará na dura terra amazônica.

Proust também começou pela crônica mundana. *Les gens graves* da primeira década do século tomavam então por um *snob* inofensivo o homem que anos depois iniciaria com *Du côté de chez Swann* a mais profunda sondagem da quarta dimensão do tempo. Escrevendo bagatelas amáveis sobre os salões das princesas Matilde e Edmond de Polignae, das condessas d'Haussonville, Patocka e Guerne, de mme. Madeleine Lemaire, ensinava-se ele para a prova definitiva do salão de mme. de Guermantes.

Particularmente incisivo e esclarecedor é vosso capítulo sobre a ambivalência de pensamento e sentimento, não só na vida, como na obra de Machado de Assis. Augusto Meyer já havia notado que "esse homem era uma colônia de almas contraditórias, como toda personagem complexa: o utilista feroz foi um funcionário exemplar; o céptico fundou a Academia de Letras, o cínico deliciava-se mentalmente na companhia da pérfida Capitu, porém amou a meiga Carolina". Sentindo em si próprio tamanhas contradições, não queria o desenganado espectador da vida deixar-se lograr pelas falsas aparências dos móveis inconfessáveis. Estava sempre em guarda contra as boas ações ou contra o humorismo alheio.

Sr. Peregrino Júnior: sois agora dos nossos. Não creias porém seja esta "a glória que fica". A glória que fica nas Academias é a que traz de fora delas. Basta ler a lista dos nomes daqueles por quem Victor Hugo foi preterido na Academia Francesa em várias eleições, para nos convenceremos da falácia com que aqui nos prometem a imortalidade. A glória que consola é a do trabalho. Sois um grande trabalhador. E eu quero terminar estas minhas palavras de admiração e afeto numa festa em que tanto falastes do simbolismo, repetindo-vos o incitamento de Antônio Nobre:

Vamos semear o pão, podar as uvas.

Pegai na enxada, descalçai as luvas...

No caso, despi o uniforme:

Tendes bom corpo, irmão! Vamos cavar!

As cartas

Receber e remeter cartas foi uma tarefa rotineira para Peregrino Jr., como revela a mostra da correspondência epistolar que *O GALO* publica abaixo.

Porto Alegre, 23 de janeiro de 1963

Meu caro
Peregrino Júnior:

Nem sequer "tentarei" justificar a demora com que respondo à sua muito simpática carta de 16 de novembro.

Aqui estou para lhe agradecer por sua generosas palavras sobre *O Arquipelago*. Este romance devia ter saído antes da famosa portaria 204, que tornou proibitiva a publicação de livros de mais de cem páginas... É uma tristeza a situação editorial do Brasil, para não falar nas outras situações. E o diabo é que quando um escritor começa um novo livro ele é levado implacavelmente a pensar em número de páginas, preço, e por isso, como v. sabe, é um tremendo obstáculo para o pensamento criador.

Mafalda e eu fizemos este ano uma interessante viagem à Grécia, tendo visitado o Peloponeso, a Ática e a Beócia, de ônibus. Depois tomamos um iate em Atenas e, através das maravilhosas ilhas do Egeu - Creta, Rodes, Míconos e Delos - fomos até Éfeso, na Ásia Menor, e Istambul. Estou agora escrevendo impressões dessa viagem num livro que se chamará *Sol e Mel* (A Grécia em Abril).

Nosso Roseblatt vai bem. No momento se encontra no Rio em confabulações com J.O.

V. me fala mais uma vez, com uma bondade que me comove, na possibilidade de minha entrada para a Academia. É muito difícil explicar meus motivos, mas a verdade é que não penso nisso, não desejo isso. Admiro e estimo muitos dos acadêmicos... mas a minha maneira de ser, de viver e de encarar a literatura são a negação de tudo quanto a Academia representa. Talvez o errado seja eu. Mas é assim que eu sou.

Quando aparece por aqui de novo?

Érico Veríssimo

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1970

Meu caro Prof.
Manoel Rodrigues de Melo

Acredite que estou comovido com a generosa bondade com que o Amigo me vem tratando nesse episódio da Academia. Cada carta sua é para mim uma alegria e um encantamento. Quanta bondade, espontânea e envolvente! Nem sei como agradeço tanta gentileza! Já lhe remeti os meus livros mais recentes: os outros estão esgotados. Gostaria, agora, que me comunicasse, logo que possível, o nome do confrade que me vai saudar. O material que o Senhor me enviou sobre Cristóvão e Humberto Dantas parece-me suficiente. Procurarei aproveitá-lo da melhor forma.

Quanto ao fardão, embora temendo um pouco o ridículo de vesti-lo em Natal, leva-lo-ei, como me pede. Minha mulher deseja saber que tipo de toilettes deve levar. Sabe que as mulheres têm muita vaidade com esses problemas, para ficar de acordo com as toilettes das senhoras com as quais irá encontrar-se em Natal: quer vestir-se exatamente como elas se vestirão. Vestidos de passeio? Vestidos de cerimônia? Vestidos sportivos? Veja se pode me dar informações a respeito. Se não puder antecipar os atos, para que volte segunda-feira, perderei um dia de Conselho, mas cumprirei fielmente o seu programa. Tudo para mim aí será alegria e gratidão.

Abraço-o afetuosamente.

Peregrino Júnior

Lagos, 30 de abril de 1963

Meu caro
Peregrino,

Envio-lhe dois recortes de notícias saídas em jornais de Lagos sobre o convite que fiz ao romancista Chinua Achebe para participar do Festival de Escritores do Rio em julho próximo. As notícias falam na U.B.E., de modo que podem fazer parte dos arquivos da nossa União.

Achebe acha-se agora em Nova York e comunicar-se-á comigo antes de ir ao Brasil. Pretendo também estar no Rio para o IV Festival do Escritor Brasileiro e já escrevi uma carta ao Ministro Jorge Maia pedindo-lhe que me chame ao Brasil então para fazer uma série de conferências sobre a África. Espero que o Ministro Maia me consiga essa licença, que aliás será trabalho porque tenho material para dez ou mais conferências.

Poderei, assim, também, fazer as honras da casa ao Achebe, cuja chegada ao Rio deverá dar-se por volta de 15 de julho. Minha viagem Lagos-Rio será entre 20 e 25 de junho. Preciso, por isto, que a autorização do Itamaraty venha logo.

No mais, mande na gente. Se quiser alguma coisa da Nigéria (fora o presente que naturalmente daqui lhe levarei), é só dizer.

Zora e eu mandamos abraços.

Antônio Olinto

GÊNIO & CULTURA

Nelson Werneck Sodré (*)

No discurso que pronunciou ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras, o Sr. Peregrino Júnior teve oportunidade de referir-se a certos aspectos do gênio brasileiro, tendências generalizadas que marcariam o caráter do nosso povo, tornando-se traços diferenciadores, marcas específicas da nossa gente. As nossas manifestações artísticas, a seu ver, das oscilações das circunstâncias, com um sentido condicional e aleatório, definidas

por um gênio hesitante, incerto e vazio, inclinado à exterioridade e ao superficialismo: daí a facilidade para a imitação, a ausência de originalidade e de profundidade, a adaptação ao modelo externo, tudo em consequência da extroversão manifesta do nosso temperamento. O novo acadêmico chega a afirmar que o brasileiro “é em geral bem informado e erudito, mas raramente culto, no sentido autêntico da palavra. Daí a nossa ostensiva predileção pela filologia, pela história, pela sociologia, pela polêmica fácil e sarcástica”.

É evidente que o autor desse diagnóstico singular tem razão, em linhas gerais, e não seria preciso ir muito longe para encontrar confirmações eloqüentes ao que ele afirmou. A tendência à imitação, tão primária e tão ligada a inferioridades culturais manifestas quase viscerou todas as exteriorizações artísticas nacionais, até bem pouco. Mais do que isso, as próprias orientações políticas, os moldes institucionais, até mesmo atividades, posturas, inclinações individuais padeceram des. e defeito.

(*) Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Machado de Assis e Peregrino Júnior

Ao reeditar o seu livro “Doença e Constituição de Machado de Assis”, publicado em 1938, uma grande alegria deve ter invadido o espírito de Peregrino Júnior: apesar de trinta e oito anos se terem decorridos, apesar de muito se ter escrito sobre Machado de Assis, sobretudo recentemente e, inclusive, nada menos de nove livros no decurso de 1975 — e um até, dos mais inteligentes, sobre a natureza mórbida de Machado (refiro-me “A Psiquiatria de Machado de Assis”, de José Leme Lopes) — seu estudo está perfeitamente de pé — e ele não o retocou — apresentando o mesmo Machado de Assis que os melhores e mais competentes estudiosos, psiquiatras ou não, conseguiram focalizar. O aplauso foi unânime.

Bem merecia, aliás, Peregrino Júnior esse tardio reconhecimento, essa consagração. Não digo que seu livro, na época em que foi publicado pela José Olympio, tenha passado despercebido ou tenha sido friamente recebido. Apenas, não teve a acolhida que merecia. Foi preciso que os anos passassem e muita água corresse sobre o assunto, o “delicado assunto”, para que se verificasse quanto Peregrino Júnior fora hábil, comedido e exato, rigoroso e honesto, em suas apreciações. Nenhum exagero. Não forçara tom algum no quadro que delineara...

Justiça, diga-se logo,

Peregrino Júnior bem a merecia. Em relação tanto a essa sua “Doença e Constituição de Machado de Assis”, quanto a toda a sua obra e à sua figura, invulgar, de incansável cultor e incentivador de nossas letras.

Realmente, a par de suas atividades literárias propriamente ditas (de ficcionista, falando com mais propriedade) — e nesse terreno há que registrar, de início, os seus numerosos e bons contos, contidos em livros como “Pussanga” (1929), “Matupá” (1933), “Histórias da Amazônia” (1936), mais tarde reunidos em “A Mata Submersa”, acompanhados de nove novos contos, com o mesmo subtítulo — Ed. José Olympio, 1960 — Peregrino Júnior foi sempre o homem atento, o cultor devotado, o incentivador do nosso mais jovem progresso literário.

(*) Última Hora/Revista
12/025/76

Machado de Assis foi um dos focos de interesse de Peregrino Jr

A história escrita das mulheres, mulheres e mulheres que escrevem no Brasil

Margarida Patriota

Um olhar de conjunto sobre os quinhentos anos de História que o Brasil está às vésperas de completar no ano 2000 mostra que, durante a porção considerável de três séculos e meio, as brasileiras viveram à margem dos acontecimentos, contribuindo, bem entendido, para a edificação do país, mas não constando de sua historiografia.

O mesmo olhar de conjunto sobre nossa História Literária revela que, no espaço dos últimos cento e cinquenta anos, as mulheres no Brasil aprenderam a ler, tornaram-se leitoras assíduas, começaram a escrever diários na intimidade do quarto, a publicar livros, a serem respeitadas pelos livros que publicavam, a ingressarem na Academia Brasileira de Letras, a presidir esta entidade.

Pode-se afirmar que as escritoras brasileiras conquistaram lugar expressivo na Literatura do país, a despeito da historiografia, que as desprezou, mas que diante desta conquista cabal se retrata, e hoje divulga importantes estudos sobre a mulher no Brasil.

Com base no que esses estudos revelam, amplia-se a trajetória das "brasileiras que escrevem" e, em vez de nascer como por geração espontânea somente após a Independência, remonta a seu início verdadeiro no momento em que os portugueses desembarcaram em nossas praias, deflagrando o processo em que, a partir delas, seus atavismos moldaram nativismos e arrivismos em quase nove mil quilômetros quadrados de Novo Mundo.

É quando se tem a impressão de que Deus criou o mundo e os homens descobriram o Brasil sem o concurso das mulheres. Melhor dizendo, desvendaram-no na convicção

de que os males da humanidade derivavam de perniciosa ação de Eva. De modo que desbravam nossas matas a um só tempo carentes de fêmeas e com santas prevenções para com elas, encarando com um misto de lascívia e desconfiança as ameríndias que os acolhiam.

À luz da visível heterodoxia indígena com que se defrontavam os portugueses, uma questão, entre todas, espicaçava. Descendiam os índios de Adão e Eva? Provinham eles da matriz que no Éden instigara Adão a provar do fruto proibido?

A teologia cristã em vigor, incapaz de conceber uma realidade que ferisse o princípio da monogenia bíblica, não demorou a concluir que sim. E pelo que hoje se verifica do ciclo de vida cumprido pelas mulheres tupinambás, pode-se até concluir que, em algum ponto, o cristianismo acertou. Pois, a julgar pela satisfação com que os homens tupinambás cortavam o cordão umbilical dos bebês machos, sem procedimento igual com os bebês fêmeas; e pela maneira como estas, na puberdade, eram lançadas com incisões nas costas, para na época do casamento serem prometidas ao chefe da tribo, ou, numa eventual viuvez, serem entregues em espólio ao irmão mais velho do falecido, permite supor que, também entre os índios, as mulheres pagavam por algum pecado original.

Assim, sem serem as "eleitas de Deus", quer para os colonizadores europeus, quer para os colonizados silvícolas, foi penosa a vida das primeiras brasileiras.

No período colonial, a Igreja Católica não perdeu a oportunidade de lembrar a necessidade de vigiá-las e adestrá-las para que não saíssem aplicando mandingas de

Eva sobre Adão. Nesse contexto, tolerava-se que as do sexo frágil fossem mães, filhas e irmãs submissas, mas nunca amantes, pensantes, por onde passariam atestado de conluídas com o Demo.

Que dizer?! Nos primórdios do Brasil Colônia, se as brasileiras não podiam folgar a esmo, tampouco podiam adoecer em paz. Pois, segundo a crença vigente de que a doença era um castigo de Deus pelos desregramentos da carne, aliada ao dado incontestado de que a engatinhante medicina era um domínio da área viril, é de compreender que os achaques femininos fossem vistos como indícios que aviltavam moralmente as vítimas deles. A visão dos médicos, trazida ao Brasil, era a do Santo Ofício, a do tribunal dos Jesuítas, e a da Coroa, que, juntos, pouco

sabiam sobre o corpo feminino, além do concernente à reprodução. Para eles, a mulher melancólica, por exemplo, era aquela que sofria de "infernical incêndio", e a bem constituída apenas a que se prestava à perpetuação da espécie". E, se por força da necessidade, muitas das nossas quinhentistas e seiscentistas aprenderam a aliviar a dor por meio de ervas e quebrantos, ao ponto de algumas se tornarem curandeiras de fiel clientela, não demorou que fossem perseguidas como feiticeiras.

Aos impedimentos de amar livremente, de adoecer dignamente, de curar males e mitigar dores, seguiu-se o de trabalhar em qualquer praça. Até o século XVIII, quando o ouro conferiu certo fausto às Minas Gerais, as brasileiras permaneceram excluídas de função política, tanto nas câmaras municipais quanto na administração eclesiástica e na burocracia em geral. Com os homens, dividiam tarefas no ramo da panificação, da tecelagem e da alfaiataria, e os únicos ofícios em que lhes cabia a primazia eram os de costureiras, doceiras, fiandeiras e rendeiras. Uma ou outra brasileira livre lograva alcançar um diploma que habilitava ao exercício legal da função de parteira. As escravas podiam ser "negras de tabuleiro", no comércio ambulante de fumo, bebida e comestíveis, ou, no que diz respeito à lavagem do ouro, negras que carregavam gamelas com o cascalho extraído das minas, como os quadros de Rugendas ilustram.

Às que quisessem escapar desse fado restaria o retiro numa Casa de Deus? Não propriamente. Até 1677, quando surge o primeiro mosteiro de mulheres em Salvador, era proibido ser freira no Brasil. De modo que nesse período, brancas, índias, negras, mamelucas, não tiveram sequer a alternativa do convento como válvula de escape à conjuntura de não poderem casar com o homem da opção. Adiante-se, aliás, que "escolher um marido", condição que o Romantismo celebrará como



Lygia Fagundes Telles é uma das autoras brasileiras em atividade que mais têm chamado a atenção da crítica, como aconteceu com o livro *A noite escura e mais eu*

imprescindível à felicidade, permanece perspectiva mais literária do que real até 1890, quando a idade mínima de casar, para as mulheres, sobe de 12 para 14 anos (e para 16 anos só em 1916).

Sob o jugo patriarcal da Colônia, não resta dúvida de que árdua foi, para a mulher, a conquista do direito a escrever. Escrever, frise-se, não poemas e romances, mas, num primeiro momento, tão-somente recibos, testamentos, procurações, documentos com que exercer a cidadania plena. No sertão, por muito tempo, mesmo as mulheres ricas, como a filha do Visconde de Parnaíba, eram analfabetas e deixavam esse fato expresso em seus testamentos e cartas de alforria, solicitando ao tabelião que assinasse a seu rogo "por não saberem ler

nem escrever". No Sul, onde havia casos de mulheres alfabetizadas que, na prática, arcavam sozinhas com a responsabilidade de suas estâncias, ocorria que, de direito, só podiam geri-las quando apresentam em justa testemunhas masculinas que lhes averbassem a honestidade.

Num contexto político-social adverso às expansões da mulher, que é, em suma, o Brasil das capitanias e dos governos-gerais, a criação literária feminina desponta com extremo recato, para não dizer que com mais boatos do que com fatos. Embora conste que, desde 1696, a pernambucana Rita Joana de Sousa ousasse versejar, não se tem registro de seus poemas. E se é verdade que o primeiro romance publicado por brasileiro nato foi escrito por uma mulher - Teresa Margarida da Silva Orta, autora de *aventuras de Diófanes* (1752) -, também é verdade que Teresa Margarida embarcou para Portugal aos cinco anos de idade, e lá produziu sua obra. Houvesse permanecido na Colônia, é pouco provável que recebesse instrução para tanto.

Após a Independência, a necessidade de inserir o país liberto em rota de modernização que o afastasse do rude passado colonial, em sintonia com o pensamento de ponta da Civilização Ocidental, moldado ao espírito da Revolução

Francesa, vai redundar no estabelecimento do ensino público das primeiras letras, ou das *pedagogias*, como eram chamadas, para ambos os sexos. Com isso, um número maior de mulheres se alfabetiza e o passo é curto a que se tornem importante segmento de leitoras, com voz na imprensa.

No período monárquico (1822-1889) aparece sob direção de Violante Bivar o primeiro jornal literário feminino, o *Jornal das Senhoras*, que, além de modas e amenidades, veiculava notas sobre arte e literatura. Dirigidos por mãos femininas, surgiram ainda: *O Lírio* (direção de Amélia Freitas Beviláqua, mulher de Clóvis Beviláqua e primeira mulher a candidatar-se - não foi eleita - à Academia Brasileira de Letras), *Miostis* (em São Paulo), *Pétalas* (em Florianópolis), *Violeta* (em Cuiabá, sob direção de Maria Dimpina). Naturalmente, associar-se a flores era imperativo emblemático de decência e probidade... De qualquer forma, entre os periódicos para mulheres, temos também: *O Belo Sexo* e o *Jornal das Famílias*, de 1863; o *Eco das Damas*, de 1879; *A Mulher* (finalmente um título simples e assumido!), de 1879; e, em 1889, *O Quinze de Novembro Feminino*, este, sem dúvida, alusivo a liberdades que se julgavam alcançadas com a proclamação da República.

Tais jornais eram populares entre as mulheres. Alguns pertenciam a senhoras da classe média, que investiam neles seus recursos e trabalho. Neles encontramos ensaios literários escritos por mulheres, como os de Josefina Álvares de Azevedo, responsável pela seção literária *A Família*, no ano da abolição da escravatura, 1888. Josefina foi também autora de uma peça em um ato, levada ao palco em 1893, intitulada *O Voto feminino* - outra aspiração só conquistada no meado dos noventa.

Com a consolidação da família burguesa e a instituição do ensino público, surge uma nova profissão para a brasileira exercer: a de ensinar. A atividade docente, iniciada entre nós pelos homens, notadamente os jesuítas (no período compreendido entre 1549 e 1759), ante a abertura das Escolas Normais, o avanço da industrialização urbana e o alargamento do mercado de trabalho para os homens, transforma-se no final do século XIX em ocupação feminina. No que isto ocorre, no que a sociedade patriarcal concede o domínio do ensino primário às mulheres, no fundamento de que são feitas de paciência e abnegação, o campo ironicamente se desprofissionaliza e vira o sacerdócio que é hoje, pelo interior do país... Dedicção absoluta, tempo integral, mas... boa paga por desejar.

Menos mal, se professoras - professoras, e nordestinas! - foram



A obra pioneira da norte-rio-grandense Nísia Floresta é destaque na formação da escritura protofeminista no Brasil, nos primórdios do século XIX

algumas das primeiras brasileiras a assumirem o processo de criação literária no período monárquico, e cujas biografias falam por si da perseverança e coragem com que o fizeram.

Em 1823, em Papari, no Rio Grande do Norte, o advogado e escultor português Dionísio Gonçalves e sua mulher, Antônia Clara Freire, moça iletrada, de família muito rica, casavam a filha Dionísia, que então contava 13 anos. Um ano depois, quando os pais fogem para o Recife, devido a perseguições políticas, a jovem larga o marido, e é por isso repudiada por toda a família, com exceção da mãe. Em 1828, com o assassinato do pai, Dionísia tem de sustentar a mãe e três irmãos ministrando aulas num colégio. Em 1832, aos vinte e dois anos, publica *Direitos das mulheres e Injustiças dos Homens* (inspirado na tradução francesa de *Vindications for the rights of women*, livro de Mary Wollstonecraft - 1792), e casa-se novamente, com o advogado e acadêmico Augusto de Faria Rocha. Em busca de melhores oportunidades, o casal muda-se para Porto Alegre em 1838. Nesse mesmo ano Dionísia fica viúva e parte com os filhos para o Rio, onde funda o Colégio Augusto. Republicana e abolicionista, colabora em jornais cariocas, mas suas idéias geram polêmicas. O *Opúsculo Humanitário* que publica em 1853, clamando pela educação das mulheres, leva o crítico Aduato da Câmara a perguntar: "O que pretende essa mulher metida a homem?" É nessa época que adota o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Nísia, homenagem ao pai; Floresta, evocação do sítio onde nasceu; Brasileira, pelo nacionalismo em voga; Augusta, em memória do homem que amou. No final, sentindo-se incompreendida na "capital do império de Santa Cruz", viaja para a Europa, onde é reconhecida por figuras tão renomadas quanto Alexandre Herculano e Augusto Comte, vindo a falecer na França, em 1885, aos setenta e cinco anos.

Outra desbravadora dos prelos foi Maria Firmino dos Reis.

Nascida em São Luís do Maranhão em 1825, três anos após a Independência, Maria Firmina dos Reis, filha ilegítima, em meados do século dezenove ganhava a vida como professora, única aprovada que fora em concurso estadual de 1847 para ministrar instrução primária em Vila dos Guimarães. São Luís, então, era uma cidade culturalmente dominada por helenistas e latinistas de valor, mas precária era a situação do ensino, como de resto em todo o Império. Para se ter uma idéia, em 1857, entre os alunos da rede pública e particular, havia, de um lado, 1 mil 849 meninos e, de outro, 347 meninas - menos de um quinto - cursando o Primário. O Secundário não englobava mais do que 200 alunos. Mínimas eram as oportunidades de estudo para as moças.

Não obstante essas dificuldades, em 1859, os jornais de São Luís anunciaram, ao custo de 2 mil-réis, pela Tipografia Progresso, o "romance original brasileiro" *Ursula*, em que a autora se escondia, identificando-se apenas como "uma maranhense", estabelecendo em prefácio: "Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada, e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados". A maranhense não era ninguém menos que Maria Firmina dos Reis,

conhecida, em Vila dos Guimarães, como Mestra Régia, ou professora formada. Participou da vida intelectual maranhense, colaborando na imprensa local, publicando livros, participando em antologias. Seu romance *Ursula*, hoje considerado o primeiro de autora brasileira no Brasil, confere à questão do escravo um tratamento precoce em termos de história social brasileira. morreu cega e pobre aos 92 anos, na casa de uma ex-escrava, mãe de um dos seus filhos de criação.

Ainda no rol das pioneiras da escrita artística no Brasil, cite-se a parnasiana Francisca Júlia, que se consagrou na crítica do tempo ao preço de um João Ribeiro inquirir de público se era "verdadeiramente de mulher seu coração enérgico e possante".

Enfim, até a proclamação da República, as poucas mulheres que ousavam desafiar o preconceito social e publicar seus textos, constituíam uma minoria. Escritora, só se aceitava verdadeiramente a que escrevia diários íntimos, no quarto, sem a pretensão de exibí-los na sala-de-estar, e menos ainda à sociedade.

É quando a moda dos salões vem atenuar a rigidez desse quadro, alargando o espectro de experiência social e cultural da mulher. Situados a meio-termo entre o âmbito privado e o público, o salão foi a oportunidade que muitas brasileiras tiveram para desenvolver formas interessantes e originais de expressão artística, como as de cantar, tocar piano, discutir temas da atualidade, declamar.

A atividade das *salonnières* da *Belle Époque* foi entre nós uma óbvia apropriação de estratégias culturais francesas por mulheres brasileiras. Desde a proclamação da República, até a Era Vargas, em 1930-40, muitos salões prosperaram no Brasil e agiram como estufas no fortalecimento de mudas que mais tarde se desenvolveriam a céu aberto. Num artigo de 1890, no jornal paulista *A Família*, a articulista Inês Sabino reparava no quanto a literatura e os salões literários estavam relacionados à emancipação da mulher. Não passariam dez anos, e a própria Inês Sabino elencaria os benefícios desta emancipação em seu *Mulheres Ilustres do Brasil*, de 1899.

Ora, água mole em pedra dura... escrevendo a mão, ou batendo à máquina, as brasileiras que escrevem surgem no século XX. Aparece Gilca Machado nas primeiras décadas, merecendo que Humberto de Campos observasse: "Ao ler-lhe as rimas cheirando a pecado, muita gente supôs que subiam dos subterrâneos escuros de um temperamento, quando elas, na verdade, provinham



A escritora Nélida Piñon, que é também a presidente da ABL, ocupa hoje um lugar ímpar na literatura brasileira, quer como romancista, quer como contista e ensaísta.

se reeducarem nas dificuldades, a fim de viverem uma vida aprazível. A solidariedade entre mulheres como fator de auto-soerguimento de um Brasil mais justo, centrado na pequena propriedade, é tema recorrente em sua obra. Júlia Lopes de Almeida participou das reuniões constitutivas da Academia Brasileira de Letras, mas lá não entrou... por ser mulher... Eleveu-se membro Filinto de Almeida, o marido, ao que até se comenta, à sorrelfa, em preto a ela.

Doravante, a literatura feminina brasileira se resguarda de amenidades. Com Rachel de Queiroz, abandona os salões e ingressa no campo social do áspero Agreste. Com Cecília Meireles, sustenta em tom elevado os momentos épicos de nossa luta pela Independência. Notabiliza-se nos círculos intelectuais com Clarice Lispector, a escritora brasileira que, presentemente, mais prestígio usufrui no concerto da crítica. Conquista a mídia televisiva com Lígia Fagundes Teles. E aqui paramos, esgotado o tempo de evocar com justiça o caráter prolífico da participação da mulher na literatura brasileira contemporânea. Nélida Piñon preside a ABL.

Foi nesse intuí, de resto, ao apresentar este painel sucinto do passado ágrafo da mulher no Brasil, e ao acompanhar as etapas decisivas de seu apoderamento das letras, poder concluir com Júlia Lopes de Almeida: "A hora em que se escreve, é hora em que se reflete..."

A "História escrita das mulheres", espaço de reflexão e revisão de uma trajetória brasileira de quinhentos anos, não só redimensiona o contributo feminino na edificação do país, como situa a alçada de sua atuação no cenário da Literatura Brasileira.

Margarida Patriota é romancista e ensaísta carioca. Fez doutorado em Literatura Francesa no Canadá e é professora do Departamento de Letras da Universidade Nacional de Brasília - UnB.

O poeta Manoel Fernandes, o *Volonté*, rompe um longo exílio a que se impôs nos últimos cinco anos, e se mostra outra vez em paz com as musas. Aliás, as *musas* continuam inspirando o poeta, como provam os novos poemas de *Volonté*, que *O GALO* publica com exclusividade

TINHA QUE ACONTECER

Palavras

Som

e a

fúria

“a noite

esconde

as cicatrizes

as carícias

e os maus tratos”

(Geraldo Carneiro)

mar-lua-azul

Na esquina

Do Oceano Atlântico

A Arnaldo Antunes

PESSOAS

CHEGAM

VÃO

FEREM

SÃO

FERIDAS

(*Fera Ferida*, de Roberto e Erasmo
Carlos na voz de Caetano Veloso)

A Nelson Cavaquinho

SOL

ILUMINA

LUA

A Adriana Calcanhoto

CANALHAS

SÃO

BACANAS

Dor
de cotovelo

Lâmina

Afiada

Madrugada

Café

Cigarros

Alumbramento

Sol chegando

Dia nascendo

Ela nem sabe

Estou escrevendo

664
BAR

(no tempo
de Rogers)

Ela

Bebia

Pensando num

Caso do passado

Na vitrola

Aquela balada

Provençal

De Bob Dylan

“Like a Rolling Stone”.

À Volonté

Sentir a tua proximidade

Entre a poeira dos livros

Ou os grãos da praia

Saber que sabes como tão poucas sabem

Marginalizando-se pela arte

Artistando-se pela marginália

Não tens mais opção

A ti pertence apenas uma sina

“ser ou não ser, eis a questão”

espanto e estrondo para a bem comportada fauna

pensante na cidade

um bárbaro na cidade

que descobre poesia sobre a pomposa intelectualidade

és uma metáfora

e penso que tu não vislumbras

para quem há de te compreender

o sangue que escorre no túnel

o sangue que escorre do “retrato do artista quando

jovem cão” de Dylan Thomas

quem vê cara não vê coração

confirmamos a verdade de Ezra Pound

de que o artista é a antena da raça

mais que ninguém, isto eu sei.

Wellington Dantas

Menina
Rio
Correnteza

(ouvindo “Eu e o Rio”,
de Luís Antônio,
de Milton)

PONTA
NEGRA

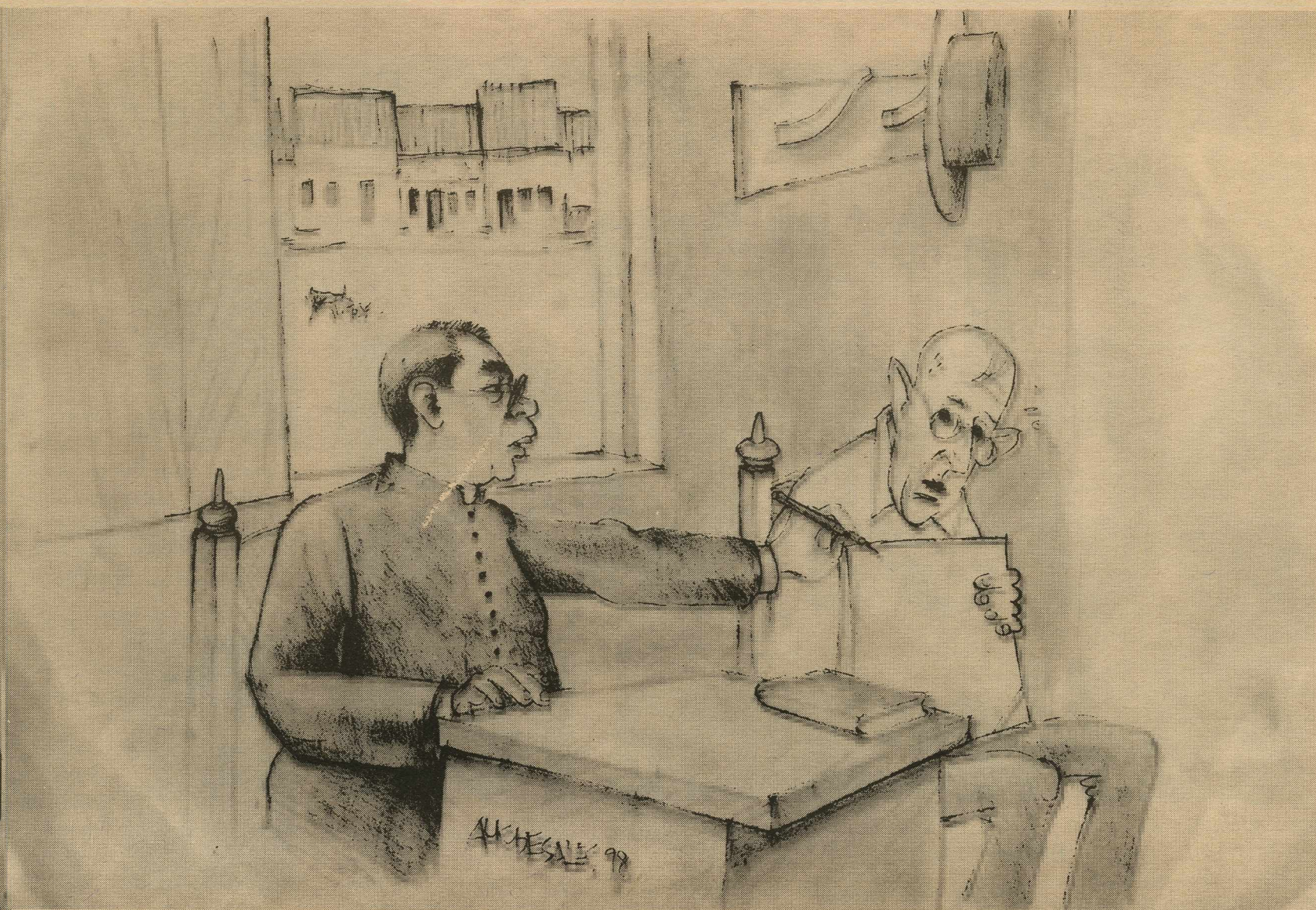
Lua

Seda azul

Brilho

estrelas

PESQUISA



Afranio Pires Lemos

O pesquisador desceu do ônibus em Caicó, aninhou-se no hotel e no dia seguinte caiu em campo. Foi à Prefeitura, para obter informações de como iniciar os serviços.

E, após diligências, o próprio prefeito orientou-o para procurar, logo, o Padre Araújo, no Ginásio.

—E o que é que ele é, lá?

—Diretor. Mas, vai lhe atender. Ligue aqui pra ele e se entendam. Agora, tome muito cuidado com suas colocações. Ele é inflexível. Na certa irá lhe questionar.

Passou o resto da semana tentando. Ora o homem estava em reunião, ora dando aula, ou ocupado com trabalhos do colégio. Outras simplesmente não estava. Na outra quarta-feira, despretensionadamente fez uma ligação e disse

—Alô. Eu queria falar com o Padre Araújo, por favor.

—É ele quem fala...

—Sim senhor, sê o diretor. O senhor me desculpe importuná-lo. Mas, estou aqui a serviço, pois fui designado pelo meu órgão para fazer uma pesquisa sobre Caicó, e escrever a sua história..E o senhor seria a primeira pessoa a me esclarecer fatos. O senhor poderia me atender?

—Posso. Venha à tarde, em minha sala, às 14 horas.

—Muito obrigado e tudo certo. Irei aí no colégio.

—Olhe. Eu disse 14 horas. O senhor se apresente aqui a minha secretária, d. Fátima e ela lhe encaminhará a minha sala. Às 14 horas.

Às 13 e 45 o pesquisador apresentou-se a d. Fátima.

—Sim, senhor. Pode se sentar e esperar. Ele já me falou sobre o senhor.

Às 14, no gabinete viu-se frente a um padre de roupas austeras e fisionomia muito mais. Que lhe olhou de cima a baixo e perguntou:

—Como é o seu nome?

—João José da Silva, ao seu dispor.

—Trabalha onde?

—Na Fundação para o Desenvolvimento Cultural do Rio Grande.

—Que cargo ocupa na entidade?

—Sou Auxiliar de Administração Financeira e faço estágio de pesquisa estimulada.

—Nasceu onde?

—Em Mangabeira.

—Qual sua formação?

—Estou concluindo Ciências Contábeis, em Natal.

—Mora onde?

—Em Natal. Faz é tempo! Nem me lembro mais de Mangabeira.

Padre Araújo acomodou-se bem na cadeira, espichou o braço direito, apanhou o lápis, apontou-o para João José, fitou-lhe e disse:

—Muito bem. O senhor nasceu em Mangabeira, que eu também não sei onde se situa. Não é formado em História, o que aparentemente seria um detalhe. Mora em Natal, está concluindo Ciências Contábeis, por sua vez incompatível com a natureza do trabalho a que se propõe. É Auxiliar de Administração Financeira e trabalha numa instituição filantrópica. Não é isso mesmo?

—Sim, senhor.

—E quer escrever a história de Caicó! Terra dos Lamartine! De Amaro Cavalcante, de José Augusto, de Manuel Dantas! De Dinarte Mariz, de Monsenhor Walfredo! Conhecida como a Capital do Seridó!

—Sim senhor.

—Pois sou sincero em lhe dizer. Vai é nunca, escrever esta história. Volte para Natal e venha com algum reforço congruente, que a gente conversa. E me desculpe, que tenho de dar aula.

Afranio Pires Lemos é poeta e trovador

Sobreira e a Memória Feliz

Elizabeth Marinheiro

AMOR/ÓDIO - Subordinados a uma competência narrativa pouco estilizada, os contos de Francisco Sobreira nos dão a impressão de vida que não consiste, apenas, em categorias ontológicas. Trabalhando elementos tradicionais e transgressores, o autor direciona a ação para a História e sabe



Francisco Sobreira

Crônica
do Amor
e do
Ódio



construir personagens embraiadores, anáforas e referências.

Os contos de "Crônica de Amor e do Ódio" (Natal, 1997) criam ilusão de uma realidade extratextual e, simultaneamente, virtualizam os personagens e as relações espaço-temporais. Eis o exemplo que nos leva a respeitar a relatividade das convenções e combater o ranço da normatividade.

Tematizando o golpe militar de 64, a exploração dos americanos em Natal ou as "relações perigosas", Francisco Sobreira (ou os seus narradores?) vinca a credibilidade discursiva, procurando resgatar, na materialização do texto, as implicações ideológicas do cotidiano.

Longe do "paradigma", nosso contista abre um leque de possibilidades paradigmáticas, que tanto remetem aos topoi do solo natal, como às perplexidades da cidade violenta. Daí o equilíbrio entre a vertente doutrinária, a dinâmica de afetividade e a malha de imprevistos que tecem a encruzilhada a narrativa.

Em tal encruzilhada, a dicção bufonária (lembramos "Bufo x Spallanzani") convive com os signos do amor, favorecendo a memória feliz. Não é à toa o dizer de Adorno: "Uma vez aniquilada toda marca emocional, quanto resta do pensar é a tautologia absoluta".

Francisco Sobreira não sente o tempo apenas como enigma e sucessão de fatos. O discurso histórico-cultural e o realismo singular engendrados nos textos são marcas do melhor conto contemporâneo. Contos de conotações sociais e irônicas. Mas, sobretudo, uma perspectiva de redenção. Do Homem.

Elizabeth Marinheiro é ensaísta e professora universitária. Mora em Campina Grande, PB.

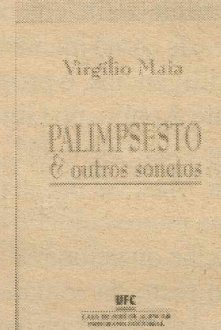
Lançamentos



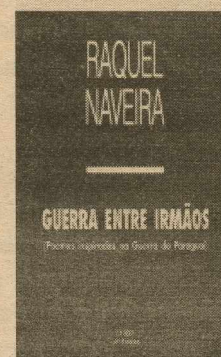
Pesquisador meticuloso, Lenine Pinto acaba de subverter a história oficial, propondo uma nova versão para o Descobrimento. Desta vez, o teatro dos acontecimentos se desloca para o litoral do Rio Grande do Norte, mais exatamente, Touros. Em defesa de sua teoria, Lenine Pinto cita pesquisas recentes que apontam para novas interpretações do Descobrimento. Mapas e gráficos ajudam o leitor a se inteirar sobre a versão "potiguar" desse importante fato histórico.



Com um estilo narrativo econômico, a paulista Djanira Pio explora em *Fragmentos*, livro que acaba de lançar pela editora Ysayama, de São Paulo, problemas do relacionamento humano, através de vários perfis femininos. Para a escritora Vera Moll, que assina a apresentação de *Fragmentos*, trata-se de "um livro composto por pequenas histórias e contos que se tecem e entrecem, formando quase um romance".



Poeta de muito engenho e muito saber, no dizer do poeta cearense Francisco Carvalho define seu contemporâneo Virgílio Maia, que acaba de lançar uma nova leva de sonetos, sob a rubrica de "Palimpsesto e outros sonetos". No dizer de Francisco Carvalho, "Maia opera uma verdadeira ressurreição do soneto, esse poema fuzilado pelas vanguardas no patíbulo da Semana de Arte Moderna".



A poesia foi a forma literária encontrada pela poetisa sul-mato-grossense Raquel Naveira para descrever os horrores da Guerra do Paraguai. É o que ela narra poeticamente em "Guerra entre irmãos - poemas inspirados na Guerra do Paraguai", livro que acaba de sair em 2ª edição. Raquel Naveira tem recebido opiniões favoráveis de leitores como Nélide Piñon, José Mindlin e Abgar Renault.

O ENTERRO DO POETA

Manoel Marques da Silva Filho

Na capela de São Sebastião, em Barreiros, o sino repicou seu triste som, que anunciou a morte do poeta Zé Pompeu. O cortejo vinha ainda distante quando o barbeiro Zé Xerém lembrou-se do violeiro Manoel Dantas, seu conhecido dos tempos em que morou em Nova Floresta, na Paraíba, onde aprendeu o ofício de barbeiro.

*“No dia que morre um pobre
sendo no meio da semana
a polícia junta o povo
mesmo na base da cana
prá interrarr o infeliz
inté o sino da matriz
em suas pancadas diz:
Te dana, Te dana, Te dana.*

*Já o interro do rico
é feito com mais carinho
a multidão é tão grande
que nem cabe no caminho
e o sino da igreja tocando:
Tadinho, Tadinho, Tadinho.”*

Quando aquela procissão de homens simples aproximou-se, ladeando o humilde caixão de madeira ordinária, o barbeiro verificou que aquele enterro de pobre era bem diferente.

Na verdade, nenhum boêmio deixou de comparecer ao sepultamento do poeta. na estrada de areia que vai de Barreiros a Regomoleiro, a multidão cantava ao som da música dos seresteiros.

Não tocavam melodias fúnebres ou peças musicais clássicas, pois só sabiam tocar sambas e boleros. Se soubessem de outras, também só tocariam esse tipo de música, dos seus sentimentos.

Com o seu cavaquinho maravilhoso, Pedrinho, de forma magistral, solava “Chiquita Bacana”, “Cabecinha no Ombro”, “Taí”, “Bandeira Branca”, “Quebra Guabiraba”, e tantas outras, tocadas nos parques de diversões, sucessos de velhos carnavais, ouvidas no rádio e comumente repetidas nos grandes porres do Bar de Kerginaldo ou nas

serestas que terminavam no cemitério de Regomoleiro. Outros boêmios, com banjos, violões, pandeiros, atabaques, afuxês, e reco-recos acompanhavam o solo do cavaquinho, com a presença ainda da rebecca de Zé Cajazeiras.

O povo do lugar pranteou o seu poeta, que nos folhetos de cordel, tão fortemente descreveu o sentimento dos operários e dos homens do rio.

O enterro, como já foi dito, foi acompanhado por toda a população das redondezas, incluindo-se sua filha Livramento, acompanhada de todas as raparigas do cabaré de Otília. Em sua homenagem, todas as quengas fecharam o balaio por três dias, como as raparigas sérias por ocasião da Semana Santa. Dessa forma, com o ar enfeitado pelas melodias, o solo do cavaquinho de Pedrinho chorava com ele nas doloridas melodias, que o povo acompanhava sisudo.

Até Zé Fulô, mesmo embriagado eternamente acompanhou o enterro. E sua mulher, Mariá, embriagava-se todos os dias. Criavam três cachorras. Você, Vosmicê e Trescontigo, que pariam seguidamente e tinham pulgas e carrapatos. Naquele dia, antes do enterro, Zé Fulô, na embriaguez contínua, passou pela rua e disse gaiato, tirando prosa com a velha Mariá: Mariá, eu dou qualquer uma a tu! Quer Você, Vosmecê ou Trescontigo?

- Quero a tua mãe, bebo viado! O povo riu e ele tomou outra lapada de cana na bodega de Augusto. Vosmecê passou entre suas pernas e levou um chute, tropeçando em Você. Trescontigo lambeu a perna do seu dono, que acariciou sua cabeça. Nessa hora o cortejo apontou na rua, sendo acompanhado por Zé Fulô, cambaleante, e suas três cadelas.

Dom Inácio Magalhães de Sena largou o seu bispado em Taipu e veio na boléia do misto de Zé Buchudo, rezar a missa no cemitério de Regomoleiro. Dizem que foi a única vez em que houve tristeza no

alegre cemitério, que virava festa no Dia de Todos os Santos e Finados.

Um freio brusco com o cantar enjoado dos pneus precedeu a colisão sinistra. O corpo subiu ao espaço como qualquer objeto vulgar, caindo no acostamento da parte inicial da estrada de São Gonçalo, nas imediações do Conjunto Amarante.

Morreu o poeta do povo, cantador dos manguzeais e da lama, o cantor da obscuridade e dos tristes agredidos pela sociedade fria, que infiltrou-se nas trincheiras da dor, protestando com o sândalo da poesia, contra a opressão humana.

Assim foi o enterro e assim foi a dor de todos.

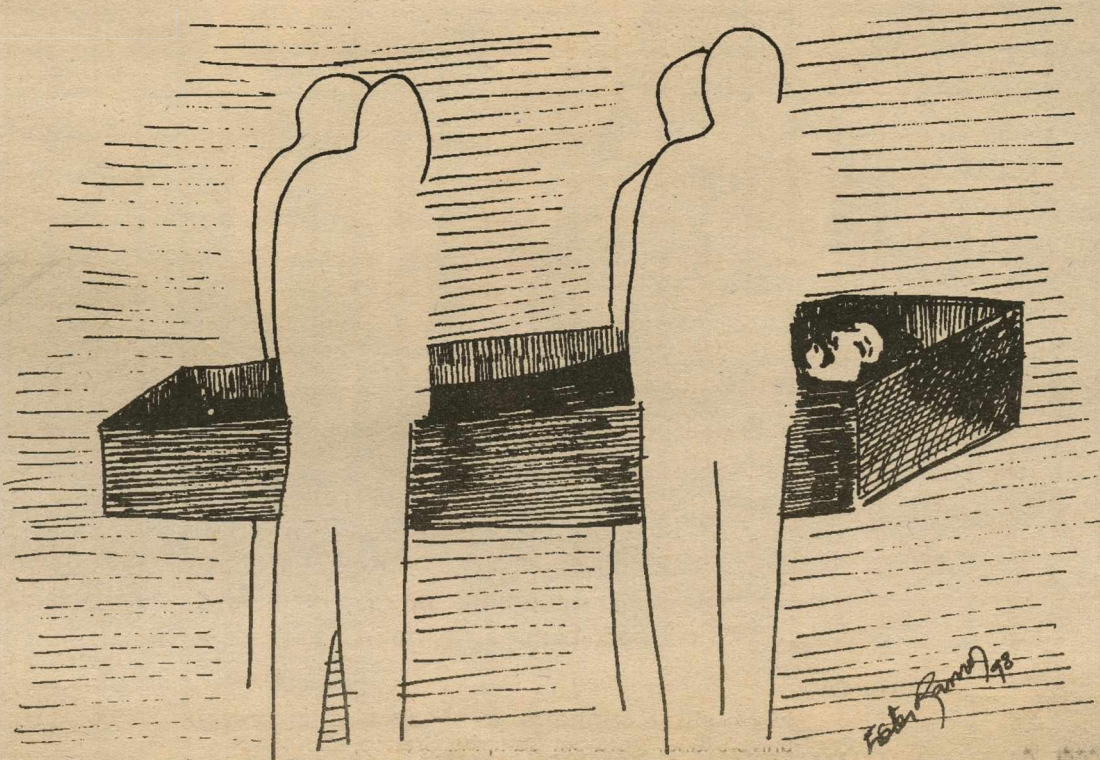
À noite, uma lua cheia cor de prata iluminou as covas do povo. Zé Fulô, cambaleando de bêbado, pulou o muro do cemitério, chorou e rezou uma oração que aprendera quando menino e da qual lembrava-se apenas de trechos soltos. Com dificuldade, conseguiu arrastar o caixão das almas ou da caridade, da capelinha do centro da cidade dos pés juntos até que o colocou diante da cova do poeta. Ali deitou-se e contemplando a cruz de madeira chorou sentidamente uma canção de dor... E da profundidade do estado de embriaguez, lágrimas repetidas foram molhando a madeira barata do caixão das almas, até que um sono angustiado o roubou de si.

Em outro ponto, um vento ensurdecidor apoderou-se do manguzeal. As ramagens agitaram-se como braços a acenaram para os céus. No braço principal do rio, imensa embarcação antiga velejou em grande rapidez, com vozes de comando a ecoarem e com o ruído de correntes, até alcançar a ilha do encantado.

Belos marinheiros de elmos doirados descenderam e perfilaram-se. Do outro lado, lindas Iaras submergiam das águas das gamboas conduzindo flautas, harpas e violinos. Ali, acompanhados dos bichos do manguzeal que balanceavam em dança lenta, ao som de uma triste melodia, a Iara rainha fez uma prece aos céus pela alma do poeta Zé Pompeu. A seguir, Iaras e Marinheiros entoaram belíssima melodia dedicada ao poeta do manguzeal e dos pescadores. Era a Ave Maria, de Gounod. Depois, só a melodia do silêncio, que expressa toda a verdade resumidamente.



Manoel Marques da Silva Filho é ficcionista norte-riograndense.



TEATRO

Alberto Maranhão

A construção do antigo Teatro Carlos Gomes teve início em 1898 no governo de Ferreira Chaves. Em 1900, Alberto Maranhão assumiu o governo do Rio Grande do Norte e deu continuidade às obras, inaugurando-o em 24 de março de 1904. O mesmo governador, em seu segundo mandato,

promoveu a primeira reforma e ampliação do teatro. Essa dedicação justificou a mudança de seu nome, em 1957, para Teatro Alberto Maranhão. A última grande reforma foi executada em 1988, já sob a administração da Fundação José Augusto, com recursos da Fundação Banco do Brasil.

94

anos



“Brasileiro, Profissão Esperança”

Apresentações de música, teatro e dança marcam os 94 anos do Teatro Alberto Maranhão comemorados agora em março. A festa começa com o retorno do Projeto Seis e Meia, no dia 24, que terá Baby do Brasil e Cida Lobo e será encerrada no dia 31, com o primeiro concerto oficial da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte. Um dos pontos altos das comemorações será o espetáculo “Brasileiro, Profissão Esperança”, texto de Paulo Pontes, com Bibi Ferreira e Gracindo Júnior, que será mostrado nos dias 26 e 27. Sobem ainda ao palco do TAM, no dia 25, o grupo Estandarte, com a peça “Oropa, França e Bahia”, os grupos de danças Roda Viva, da UFRN e Corpovivo, no dia 28, e no dia 29 a CM Produções apresentará a peça infantil “O polvo todo poderoso”.

Escrito por Paulo Pontes, é um dos mais importantes espetáculos teatrais escritos e montados no país na década de 70. Apresenta um painel romântico do ponto de vista da vida e da música de Dolores Duran e Antônio Maria e de suas andanças pelos becos e garrafas da cidade. Numa leitura de superfície, trata-se de um musical, uma construção teatral, habilidosamente arquitetada sobre canções e textos de duas figuras-síntese da vida carioca, que aliviavam - ou aprofundavam - as fossas nos bares de Copacabana: a cantora e compositora Dolores Duran e o jornalista, cronista e compositor Antônio Maria, ligados por um carma semelhante: o sentimento de auto-suficiência face a utopia do amor, encarnando no parceiro, alcançável no corpo, mas inatingível na alma.



FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO